



INTRODUÇÃO AOS ESTUDOS LINGUÍSTICOS

MARIA CLÁUDIA TEIXEIRA

Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

SUMÁRIO



APRESENTAÇÃO

Você já parou para pensar sobre a língua que fala, estuda e que pretende ensinar? Você já se perguntou sobre a origem da língua portuguesa? Já teve curiosidade em saber como uma língua funciona? Que processo ocorre, como, onde, de que modo e que permite pensar e dizer uma palavra, uma frase, um texto? Por que será que as palavras significam o que significam? São muitas questões, não é? Não são questões novas, muito pelo contrário. Desde as épocas mais remotas o ser humano tem interesse em descobrir todos os mistérios que envolvem a linguagem, a língua, a fala, os significados, as transformações, a evolução da língua e muitos outros aspectos envolvidos no estudo da linguagem. É um pouco disso que trata este material.

Para ingressar no campo da Linguística, ciência que se dedica aos estudos da linguagem, é fundamental conhecer a obra *Curso de Linguística Geral* (1916), do linguista suíço Ferdinand de Saussure, pois essa é considerada a obra fundadora da Linguística. Desse modo, nesta pequena obra de reflexão para a disciplina de Introdução aos Estudos Linguísticos, toma-se como centro a obra saussuriana e os principais conceitos trabalhados por Saussure na criação de um objeto teórico para a Linguística. Vamos desvendar alguns dos mistérios que envolvem o estudo da linguagem.

Boa leitura! Bons estudos!

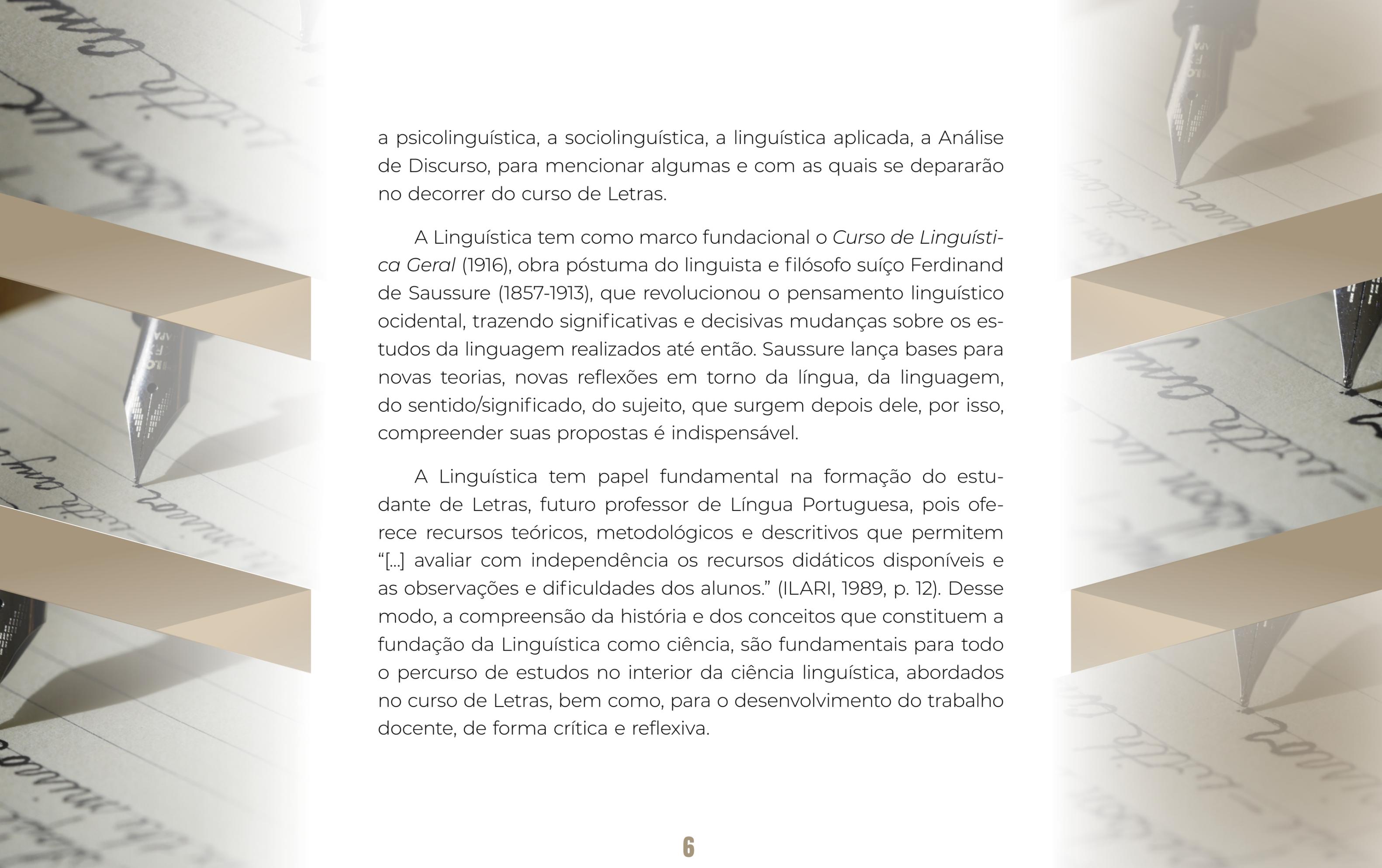
INTRODUÇÃO

O nome Linguística, não raro, causa estranhamento aos acadêmicos do curso de Letras, pois, durante o aprendizado escolar de língua portuguesa, são comuns nomes como gramática, leitura, escrita, redação, quase nunca linguística. Será a Linguística o estudo da Gramática?

A palavra linguística, de acordo com Weedwood (2002), “[...] começou a ser usada em meados do século XIX para enfatizar a diferença entre uma abordagem mais inovadora do estudo da língua, que estava se desenvolvendo na época, e a abordagem mais tradicional da filologia.” (p. 9).

Hoje a palavra linguística designa a ciência que estuda os fenômenos, os fatos de linguagem, descrevendo e explicando-os, sem a emissão de juízos de valor. Isto é, a Linguística não é prescritiva, como a gramática normativa, não diz se é certo ou errado determinado uso. Ela é descritiva, analítica, e, portanto, “[...] descreve seu objeto como ele é, não especula nem faz afirmações sobre como a língua deveria ser.” (PETTER, 2008, p. 21).

Como campo científico, a Linguística tem diferentes ramificações teóricas, diferentes formas de abordar e compreender o fenômeno da linguagem como a fonética e a fonologia, a morfologia, a sintaxe, a lexicologia, a semântica, a pragmática, a linguística textual,



a psicolinguística, a sociolinguística, a linguística aplicada, a Análise de Discurso, para mencionar algumas e com as quais se depararão no decorrer do curso de Letras.

A Linguística tem como marco fundacional o *Curso de Linguística Geral* (1916), obra póstuma do linguista e filósofo suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), que revolucionou o pensamento linguístico ocidental, trazendo significativas e decisivas mudanças sobre os estudos da linguagem realizados até então. Saussure lança bases para novas teorias, novas reflexões em torno da língua, da linguagem, do sentido/significado, do sujeito, que surgem depois dele, por isso, compreender suas propostas é indispensável.

A Linguística tem papel fundamental na formação do estudante de Letras, futuro professor de Língua Portuguesa, pois oferece recursos teóricos, metodológicos e descritivos que permitem “[...] avaliar com independência os recursos didáticos disponíveis e as observações e dificuldades dos alunos.” (ILARI, 1989, p. 12). Desse modo, a compreensão da história e dos conceitos que constituem a fundação da Linguística como ciência, são fundamentais para todo o percurso de estudos no interior da ciência linguística, abordados no curso de Letras, bem como, para o desenvolvimento do trabalho docente, de forma crítica e reflexiva.

1. A LINGUAGEM NA HISTÓRIA: OS PRECURSORES (D)E SAUSSURE

A Linguística é uma ciência relativamente nova, estabelecida na primeira metade do século XX, a partir do *Curso de Linguística Geral* (1916), obra na qual Saussure definiu, pela primeira vez, conceitos-chave de caráter científico para o estudo da linguagem, conforme vê-se adiante. Contudo, o interesse pelos estudos da linguagem é bem mais antigo e contribuiu para que Saussure definisse seu objeto de estudo, afinal uma ciência não se cria do nada. Conforme explicitado na introdução do *Curso de Linguística Geral*, “[...] a ciência que se constitui em torno dos fatos da língua passou por três fases sucessivas antes de reconhecer qual é o seu verdadeiro e único objeto.” (SAUSSURE, [1916] 2010, p. 7), isso revela que Saussure se inscreve em uma história de saberes. Apresenta-se uma história do desenvolvimento dos estudos da linguagem, depois, ao final dessa seção, destaca-se as três fases sucessivas, conforme aponta Saussure.

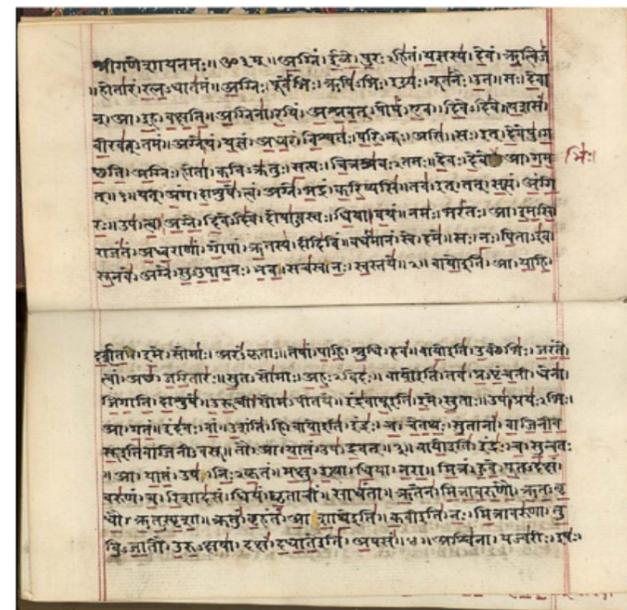
Na antiguidade, de acordo com Maurice Leroy (1971), três civilizações salientam-se pelo desenvolvimento de estudos sobre a linguagem:

a) Os Hindus

Motivados pela religião, os antigos hindus estudaram a língua num esforço de conservá-la. Importava “[...] que os textos sagrados, reunidos no Veda, não sofressem alteração alguma ao serem cantados ou recitados durante os sacrifícios.” (LEROY, 1971, p. 15). Para que a língua dos textos não se perdesse, não fosse esquecida e a

pronúncia fosse mantida em sua pureza primitiva, os sábios passam a ensiná-la e a interpretá-la e depois “[...] a explicar a língua das classes nobres, formulando regras e listas de formas descritivas do tipo correto de língua a que chamaram sânscrito.” (BORBA, 1979, p. 18). Panini (século IV a. C), um dos mais célebres gramáticos hindus, dedicou-se ao “[...] estudo do valor e do emprego das palavras e fez de sua língua, com precisão e minúcia admiráveis, descrições fonéticas e gramaticais que são modelares.” (LEROY, 1971, p. 16). O estudo realizado por Panini foi descoberto no século XVIII e constitui ponto de partida para a criação da gramática comparada, tratada mais à frente. Leroy (1971) destaca que os estudos realizados pelos hindus eram estáticos, restritos ao sânscrito e limitados à classificação dos fatos sem preocupação com explicações.

Imagem 1 - Veda



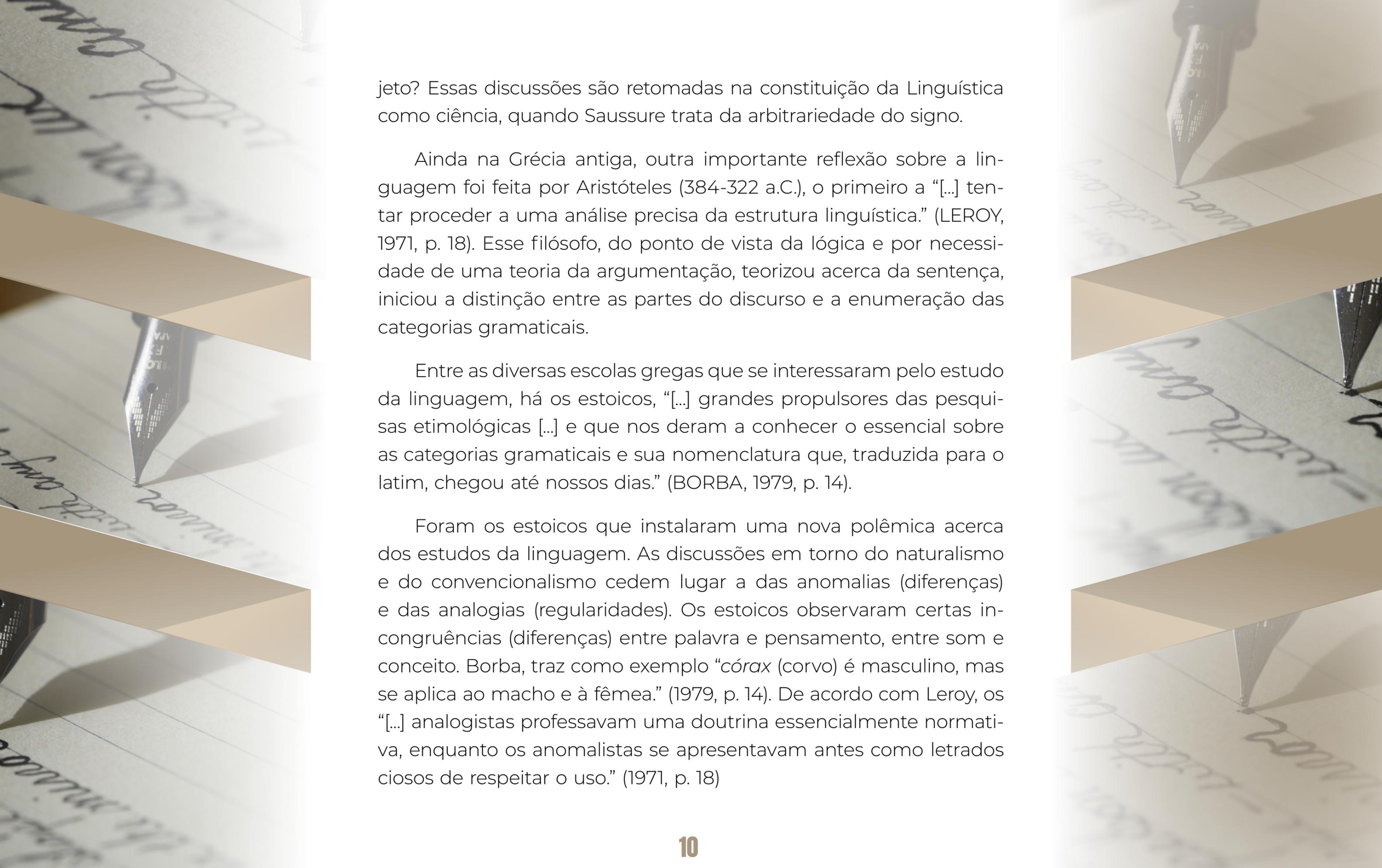
Fonte: Store Norske Leksikon.

b) Os gregos

As primeiras especulações gregas sobre a linguagem têm origem na filosofia, mais precisamente numa obra de Platão (428-347 a.C.) intitulada *Crátilo*, na qual Hermógenes, Sócrates e Crátilo discutem sobre a relação entre a palavra e a coisa que ela designa. Eis um trecho do diálogo:

Hermógenes – Por minha parte, Sócrates, já conversei várias vezes a esse respeito tanto com ele [Crátilo] quanto com outras pessoas, sem que chegasse a convencer-me de que a justeza dos nomes se baseia em outra coisa que não seja convenção e acordo. Para mim, seja qual for o nome que se dê a uma determinada coisa, esse é o seu nome certo; e mais: se substituirmos esse nome por outro, vindo a cair em desuso o primitivo, o novo nome não é menos certo do que o primeiro. Assim, costumamos mudar o nome de nossos escravos, e a nova designação não é menos acertada do que a primitiva. **Nenhum nome é dado por natureza a qualquer coisa, mas pela lei e o costume dos que se habituaram a chamá-la dessa maneira** (PLATÃO, 384d, grifos nossos).

Conforme o dizer de Hermógenes, dirigido a Sócrates, a grande questão debatida é se a relação entre a palavra e aquilo que ela nomeia é natural, se a palavra imita a natureza, o mundo ou se essa relação é convencional. Algo a se pensar, não é? Cadeira tem esse nome por sua natureza ou por que se convencionou chamar assim esse ob-

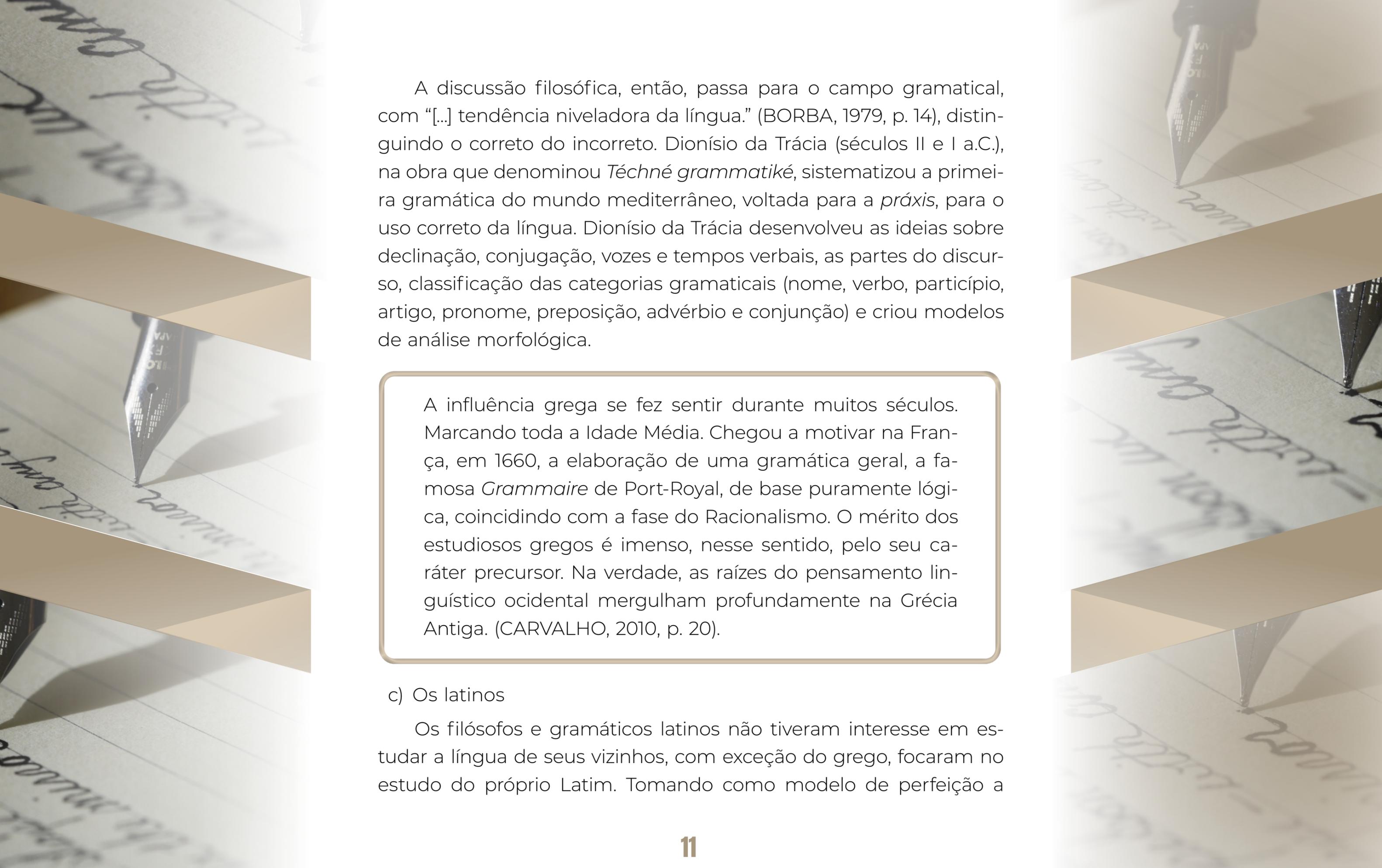


jeto? Essas discussões são retomadas na constituição da Linguística como ciência, quando Saussure trata da arbitrariedade do signo.

Ainda na Grécia antiga, outra importante reflexão sobre a linguagem foi feita por Aristóteles (384-322 a.C.), o primeiro a “[...] tentar proceder a uma análise precisa da estrutura linguística.” (LEROY, 1971, p. 18). Esse filósofo, do ponto de vista da lógica e por necessidade de uma teoria da argumentação, teorizou acerca da sentença, iniciou a distinção entre as partes do discurso e a enumeração das categorias gramaticais.

Entre as diversas escolas gregas que se interessaram pelo estudo da linguagem, há os estoicos, “[...] grandes propulsores das pesquisas etimológicas [...] e que nos deram a conhecer o essencial sobre as categorias gramaticais e sua nomenclatura que, traduzida para o latim, chegou até nossos dias.” (BORBA, 1979, p. 14).

Foram os estoicos que instalaram uma nova polêmica acerca dos estudos da linguagem. As discussões em torno do naturalismo e do convencionalismo cedem lugar a das anomalias (diferenças) e das analogias (regularidades). Os estoicos observaram certas incongruências (diferenças) entre palavra e pensamento, entre som e conceito. Borba, traz como exemplo “*córax* (corvo) é masculino, mas se aplica ao macho e à fêmea.” (1979, p. 14). De acordo com Leroy, os “[...] analogistas professavam uma doutrina essencialmente normativa, enquanto os anomalistas se apresentavam antes como letrados ciosos de respeitar o uso.” (1971, p. 18)



A discussão filosófica, então, passa para o campo gramatical, com “[...] tendência niveladora da língua.” (BORBA, 1979, p. 14), distinguindo o correto do incorreto. Dionísio da Trácia (séculos II e I a.C.), na obra que denominou *Téchné grammatiké*, sistematizou a primeira gramática do mundo mediterrâneo, voltada para a *práxis*, para o uso correto da língua. Dionísio da Trácia desenvolveu as ideias sobre declinação, conjugação, vozes e tempos verbais, as partes do discurso, classificação das categorias gramaticais (nome, verbo, particípio, artigo, pronome, preposição, advérbio e conjunção) e criou modelos de análise morfológica.

A influência grega se fez sentir durante muitos séculos. Marcando toda a Idade Média. Chegou a motivar na França, em 1660, a elaboração de uma gramática geral, a famosa *Grammaire de Port-Royal*, de base puramente lógica, coincidindo com a fase do Racionalismo. O mérito dos estudiosos gregos é imenso, nesse sentido, pelo seu caráter precursor. Na verdade, as raízes do pensamento linguístico ocidental mergulham profundamente na Grécia Antiga. (CARVALHO, 2010, p. 20).

c) Os latinos

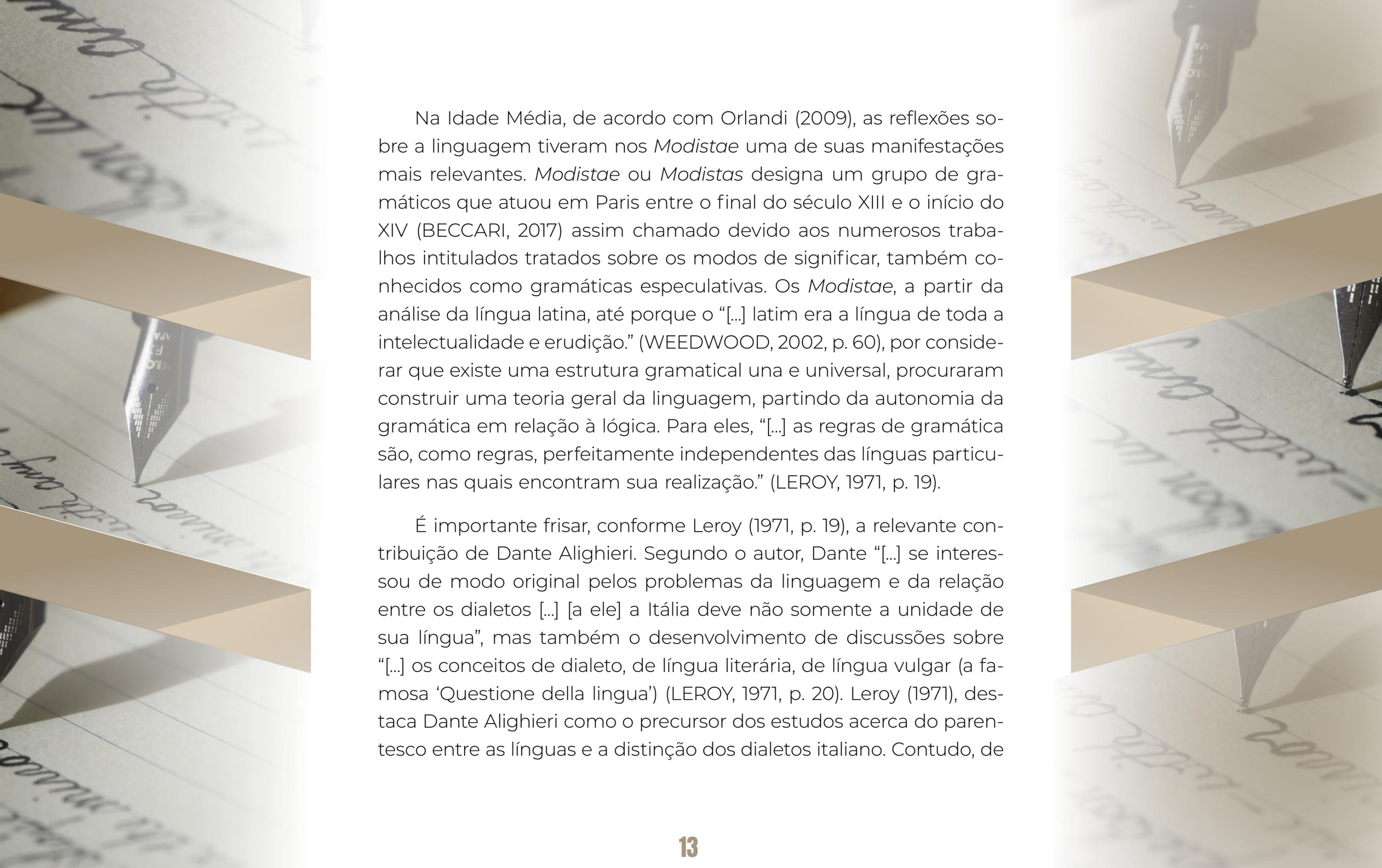
Os filósofos e gramáticos latinos não tiveram interesse em estudar a língua de seus vizinhos, com exceção do grego, focaram no estudo do próprio Latim. Tomando como modelo de perfeição a

língua grega, os latinos esforçaram-se para adaptar os estudos da própria língua às regras formuladas pelos gregos e produziram uma adaptação da *Téchné grammatiké* de Dionísio da Trácia, apresentando-a como *Ars Grammatica*. Deste período, merece destaque o erudito romano Varrão (116 a 27 a.C.), “[...] que fez grande esforço para definir a Gramática ao mesmo tempo como ciência e como arte, e que vislumbrou com mais lucidez que os gregos, o valor da oposição de aspectos no sistema do verbo.” (LEROY, 1971, p. 19).

Imagem 2 - Estátua de Varrão em Rieti na Itália



Fonte: Wikimedia Commons.



Na Idade Média, de acordo com Orlandi (2009), as reflexões sobre a linguagem tiveram nos *Modistae* uma de suas manifestações mais relevantes. *Modistae* ou *Modistas* designa um grupo de gramáticos que atuou em Paris entre o final do século XIII e o início do XIV (BECCARI, 2017) assim chamado devido aos numerosos trabalhos intitulados tratados sobre os modos de significar, também conhecidos como gramáticas especulativas. Os *Modistae*, a partir da análise da língua latina, até porque o “[...] latim era a língua de toda a intelectualidade e erudição.” (WEEDWOOD, 2002, p. 60), por considerar que existe uma estrutura gramatical una e universal, procuraram construir uma teoria geral da linguagem, partindo da autonomia da gramática em relação à lógica. Para eles, “[...] as regras de gramática são, como regras, perfeitamente independentes das línguas particulares nas quais encontram sua realização.” (LEROY, 1971, p. 19).

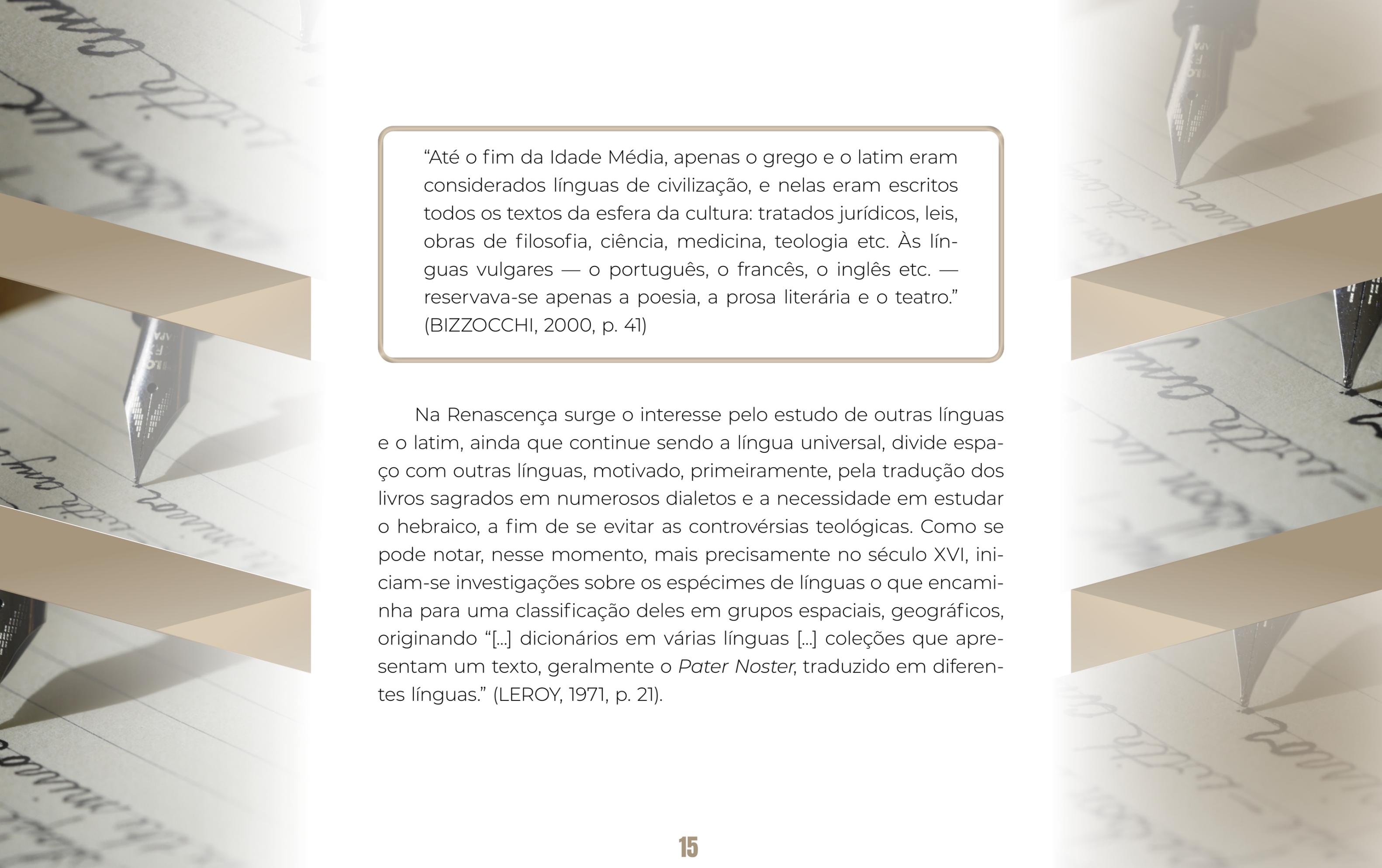
É importante frisar, conforme Leroy (1971, p. 19), a relevante contribuição de Dante Alighieri. Segundo o autor, Dante “[...] se interessou de modo original pelos problemas da linguagem e da relação entre os dialetos [...] [a ele] a Itália deve não somente a unidade de sua língua”, mas também o desenvolvimento de discussões sobre “[...] os conceitos de dialeto, de língua literária, de língua vulgar (a famosa ‘*Questione della lingua*’)” (LEROY, 1971, p. 20). Leroy (1971), destaca Dante Alighieri como o precursor dos estudos acerca do parentesco entre as línguas e a distinção dos dialetos italiano. Contudo, de

acordo com o autor, a propósito “[...] da repartição das outras línguas da Europa, dedicava-se ele a considerações muito menos seguras, inspiradas no mito da Torre de Babel e da dispersão que a ela se seguiu.” (LEROY, 1971, p. 20). Dante Alighieri foi um caso isolado e suas ideias não tiveram eco naquele contexto.

Imagem 3 - Dante Alighieri (1265-1321), escritor, poeta e político italiano por Sandro Botticelli



Fonte: Wikimedia Commons.

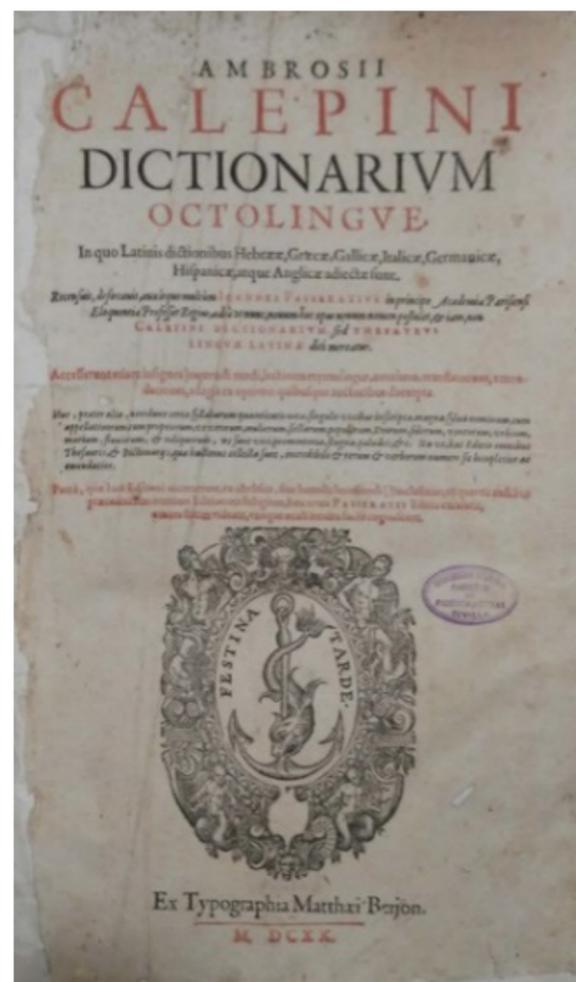


“Até o fim da Idade Média, apenas o grego e o latim eram considerados línguas de civilização, e nelas eram escritos todos os textos da esfera da cultura: tratados jurídicos, leis, obras de filosofia, ciência, medicina, teologia etc. Às línguas vulgares — o português, o francês, o inglês etc. — reservava-se apenas a poesia, a prosa literária e o teatro.” (BIZZOCCHI, 2000, p. 41)

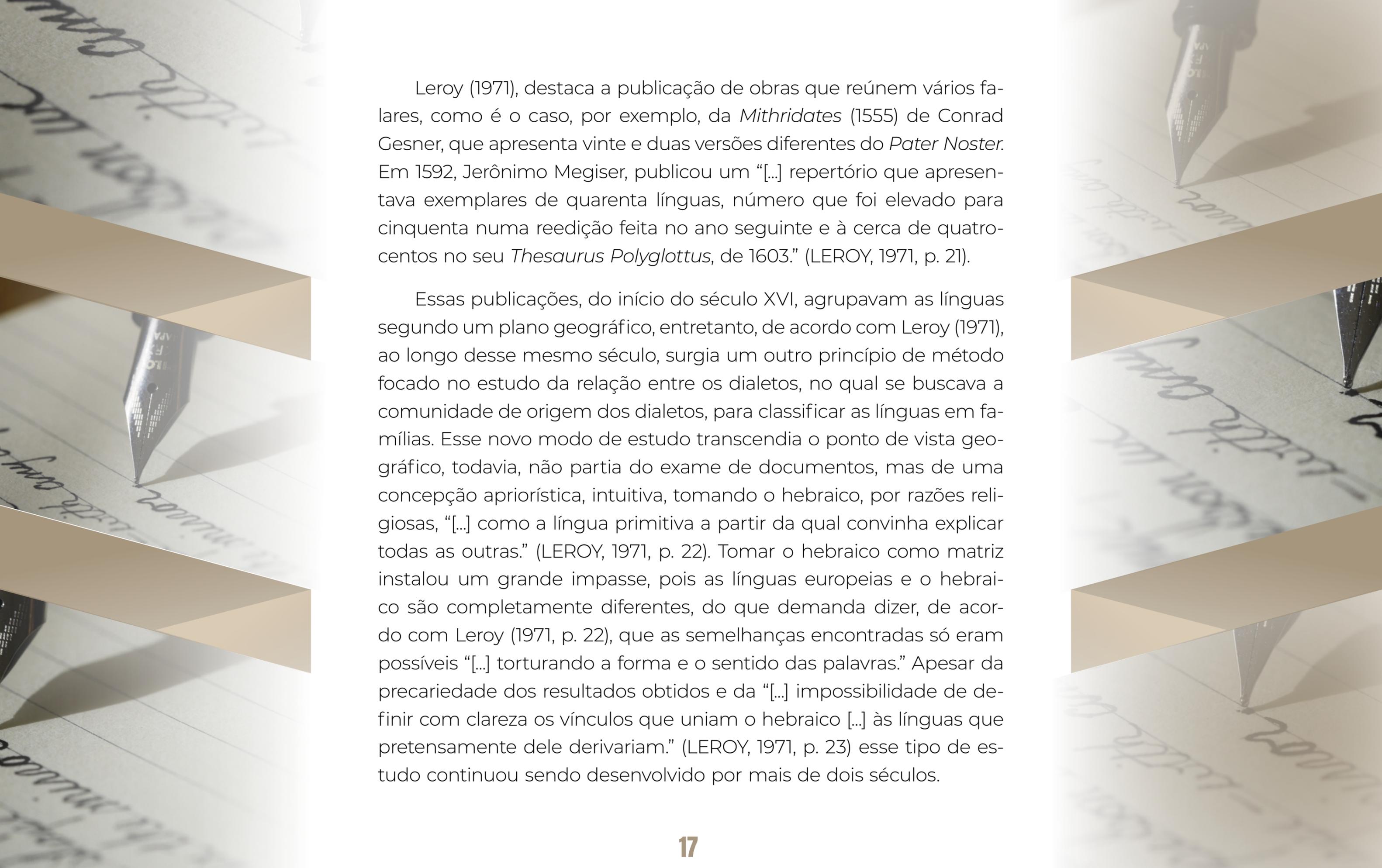
Na Renascença surge o interesse pelo estudo de outras línguas e o latim, ainda que continue sendo a língua universal, divide espaço com outras línguas, motivado, primeiramente, pela tradução dos livros sagrados em numerosos dialetos e a necessidade em estudar o hebraico, a fim de se evitar as controvérsias teológicas. Como se pode notar, nesse momento, mais precisamente no século XVI, iniciam-se investigações sobre os espécimes de línguas o que encaminha para uma classificação deles em grupos espaciais, geográficos, originando “[...] dicionários em várias línguas [...] coleções que apresentam um texto, geralmente o *Pater Noster*, traduzido em diferentes línguas.” (LEROY, 1971, p. 21).

De acordo com Leroy (1971), o dicionário poliglota mais antigo, elaborado pelo monge italiano Ambrosio Calepino, data de 1502, o *Dictionarum latinum*, um bilíngue italiano-latim. Essa obra alcançou tanto sucesso, sendo refeita e ampliada muitas vezes, que Calepino tornou-se sinônimo de dicionário, chegando a agregar oito diferentes línguas, *Dictionarium octolingue* (1546).

Imagem 4 - Dictionarium octolingue – Calepine (1546)

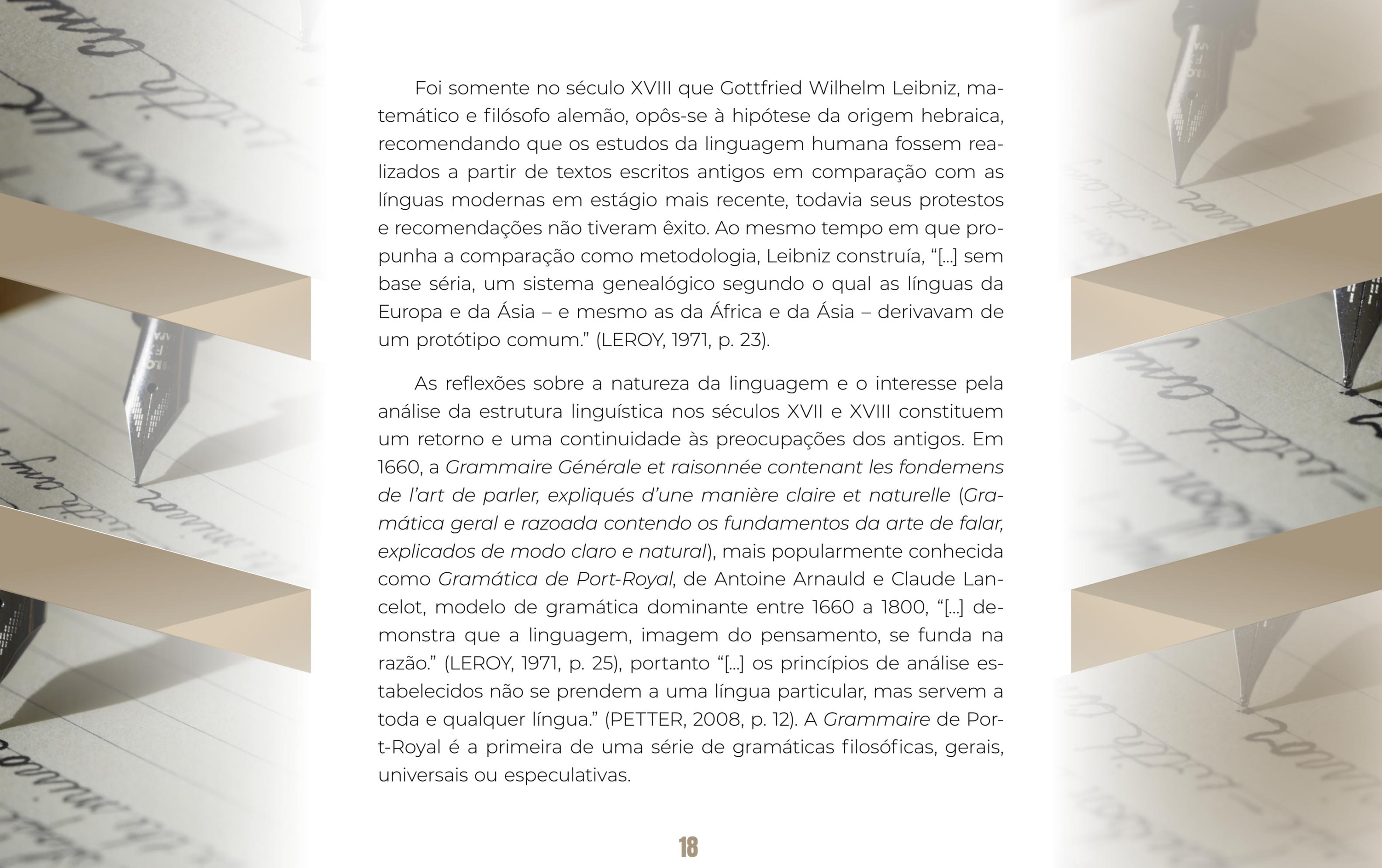


Fonte: Biblioteca de Humanidades/Flicker.



Leroy (1971), destaca a publicação de obras que reúnem vários fa-
lares, como é o caso, por exemplo, da *Mithridates* (1555) de Conrad
Gesner, que apresenta vinte e duas versões diferentes do *Pater Noster*.
Em 1592, Jerônimo Megiser, publicou um “[...] repertório que apresen-
tava exemplares de quarenta línguas, número que foi elevado para
cinquenta numa reedição feita no ano seguinte e à cerca de quatro-
centos no seu *Thesaurus Polyglottus*, de 1603.” (LEROY, 1971, p. 21).

Essas publicações, do início do século XVI, agrupavam as línguas
segundo um plano geográfico, entretanto, de acordo com Leroy (1971),
ao longo desse mesmo século, surgia um outro princípio de método
focado no estudo da relação entre os dialetos, no qual se buscava a
comunidade de origem dos dialetos, para classificar as línguas em fa-
mílias. Esse novo modo de estudo transcendia o ponto de vista geo-
gráfico, todavia, não partia do exame de documentos, mas de uma
concepção apriorística, intuitiva, tomando o hebraico, por razões reli-
giosas, “[...] como a língua primitiva a partir da qual convinha explicar
todas as outras.” (LEROY, 1971, p. 22). Tomar o hebraico como matriz
instalou um grande impasse, pois as línguas europeias e o hebrai-
co são completamente diferentes, do que demanda dizer, de acor-
do com Leroy (1971, p. 22), que as semelhanças encontradas só eram
possíveis “[...] torturando a forma e o sentido das palavras.” Apesar da
precariedade dos resultados obtidos e da “[...] impossibilidade de de-
finir com clareza os vínculos que uniam o hebraico [...] às línguas que
pretensamente dele derivariam.” (LEROY, 1971, p. 23) esse tipo de es-
tudo continuou sendo desenvolvido por mais de dois séculos.



Foi somente no século XVIII que Gottfried Wilhelm Leibniz, matemático e filósofo alemão, opôs-se à hipótese da origem hebraica, recomendando que os estudos da linguagem humana fossem realizados a partir de textos escritos antigos em comparação com as línguas modernas em estágio mais recente, todavia seus protestos e recomendações não tiveram êxito. Ao mesmo tempo em que propunha a comparação como metodologia, Leibniz construía, “[...] sem base séria, um sistema genealógico segundo o qual as línguas da Europa e da Ásia – e mesmo as da África e da Ásia – derivavam de um protótipo comum.” (LEROY, 1971, p. 23).

As reflexões sobre a natureza da linguagem e o interesse pela análise da estrutura linguística nos séculos XVII e XVIII constituem um retorno e uma continuidade às preocupações dos antigos. Em 1660, a *Grammaire Générale et raisonnée contenant les fondemens de l'art de parler, expliqués d'une manière claire et naturelle* (Gramática geral e razoada contendo os fundamentos da arte de falar, explicados de modo claro e natural), mais popularmente conhecida como *Gramática de Port-Royal*, de Antoine Arnauld e Claude Lancelot, modelo de gramática dominante entre 1660 a 1800, “[...] demonstra que a linguagem, imagem do pensamento, se funda na razão.” (LEROY, 1971, p. 25), portanto “[...] os princípios de análise estabelecidos não se prendem a uma língua particular, mas servem a toda e qualquer língua.” (PETTER, 2008, p. 12). A *Grammaire* de Port-Royal é a primeira de uma série de gramáticas filosóficas, gerais, universais ou especulativas.

A *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*, de Jerônimo Soares Barbosa, publicada em 1822 pela Academia das Ciências de Lisboa, é a representante mais célebre da *Grammaire* de Port-Royal em língua portuguesa.

Entrando-se, enfim, no século XIX, antes de tratar da história do pensamento linguístico deste século, é importante retomar alguns pontos sobre os quais se refletiu e que também são apresentados no Curso de Linguística Geral (CLG). Embora tratando cronologicamente dos estudos que se desenvolveram sobre a linguagem na história, é evidente que nem tudo foi trazido, havendo alguns saltos nessa cronologia, isso porque foram destacados os pontos mais relevantes e que serão de algum modo retomados no CLG, para compreender as sistematizações estabelecidas por Saussure.

Na introdução de seu CLG, Saussure afirma, como mencionado no início da seção: “A ciência que se constitui em torno dos fatos da língua passou por três fases sucessivas antes de reconhecer qual é o seu verdadeiro e único objeto.” (SAUSSURE, [1916] 2010, p. 07).

Essa afirmação mostra a relevância de conhecer esse relato, ainda que brevemente, pois Saussure se inscreve nessa história de saberes, ele assume que antes dele foram desenvolvidos estudos sobre a linguagem, contudo essas investigações eram assistemáticas, não havia a definição de um objeto de estudo nem de um método para descrever e explica-o.

1.1 Fase filosófica

A primeira dessas fases é chamada filosófica, inaugurada pelos gregos, que iniciam profundas reflexões acerca da origem da linguagem. “Seus estudos, calcados na Filosofia, abrangeram a Etimologia, a Semântica, a Retórica, a Morfologia, a Fonética, a Filologia e a Sintaxe.” (CARVALHO, 2010, p. 19). Baseavam-se na Lógica (analogistas) ou no uso corrente (anomalistas), inicialmente com finalidades práticas, elaboraram uma Gramática (*Tékhne Grammatiké*, de Dionísio da Trácia) voltada para o uso, o bom uso, o uso correto da linguagem. Desprovida de qualquer visão científica, preocupou-se “[...] unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas.” (SAUSSURE, ([1916] 2010, p. 7), constituindo-se, assim, como disciplina normativa.

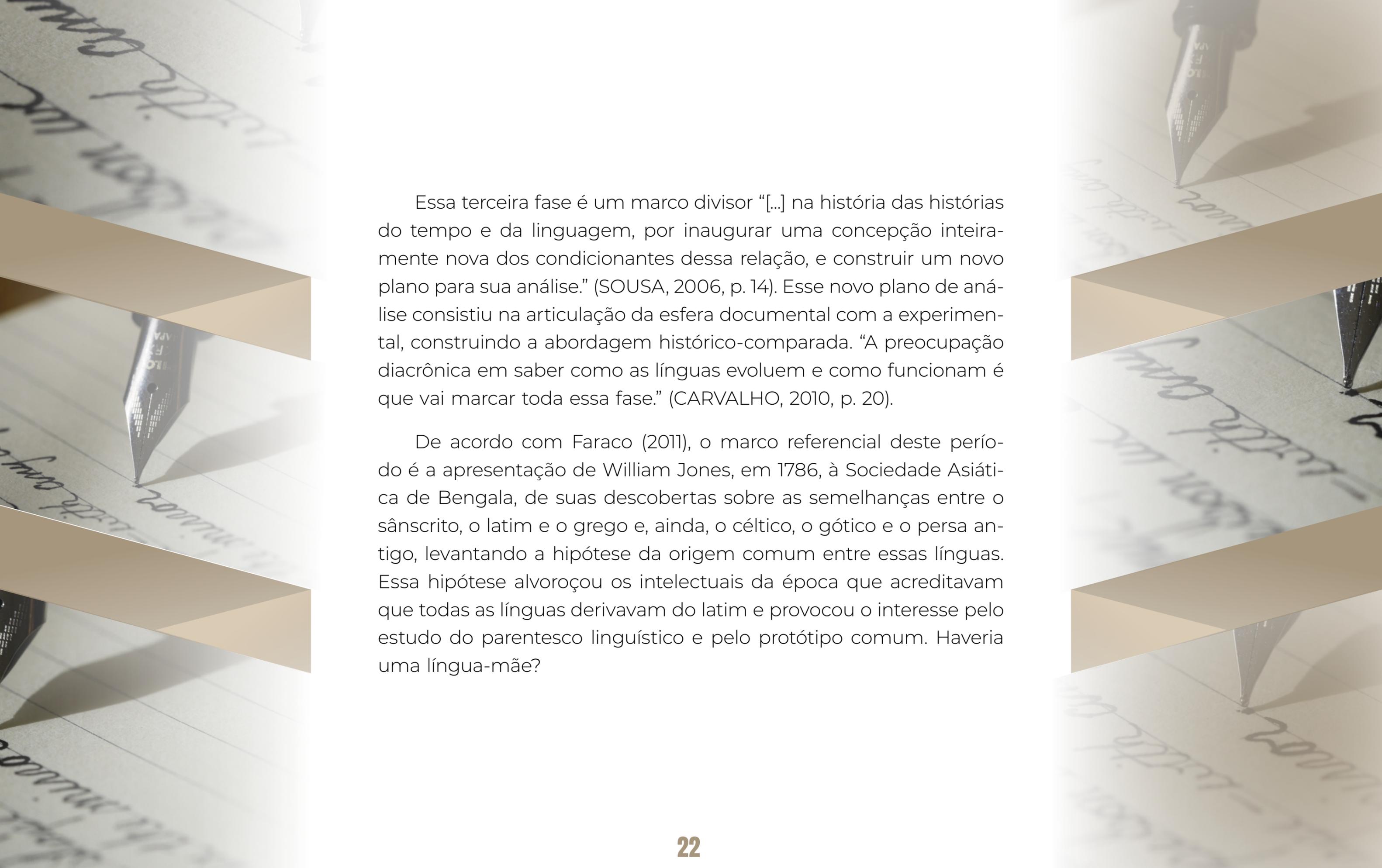
1.2 Fase filológica

A segunda fase é chamada de filológica e representa um deslocamento nos modos de estudar a língua, pois se afasta da filosofia. Baseada no método crítico, a especificidade da filologia é comparar textos de diferentes épocas para determinar a língua de cada autor. A crítica de Saussure aos estudos filológicos está no apego à língua escrita que limita as investigações ao não levar em consideração a língua falada.

1.3 Fase histórico-comparativa

A terceira fase da história da Linguística é chamada de histórico-comparativa e começa com a descoberta do sânscrito, entre 1786 e 1816, “[...] revelando as relações de parentesco genético do latim, do grego, das línguas germânicas, eslavas e célticas com aquela antiga língua da Índia.” (CARVALHO, 2010, p. 20). O interesse pela história das línguas é bem anterior ao século XIX. No Renascimento já havia estudos sobre mudança linguística e parentesco entre as línguas, assistemáticos, é verdade, mas de enorme relevância para a “[...] construção da ideia que o século XIX irá desenhar sobre os idiomas europeus, suas gêneses, seus parentescos.” (SOUSA, 2006, p. 14).

A marca registrada específica dessa linguística foi dar sustentação empírica sistemática à velha intuição de que as línguas eram realidades históricas (ou realidades com história), intuição que emergia tanto da tese monogênica, sustentada numa certa leitura do texto bíblico, de que todas as línguas derivavam do hebraico; quanto, por exemplo, da percepção de Dante de que as línguas latinas tinham uma origem comum, ou, ainda, das diferentes tentativas pós-medievais de estabelecer, com base em comparações (embora ainda não ‘genéticas’, nem sistemáticas), correlações entre línguas diversas. (FARACO, 2011, p. 29).



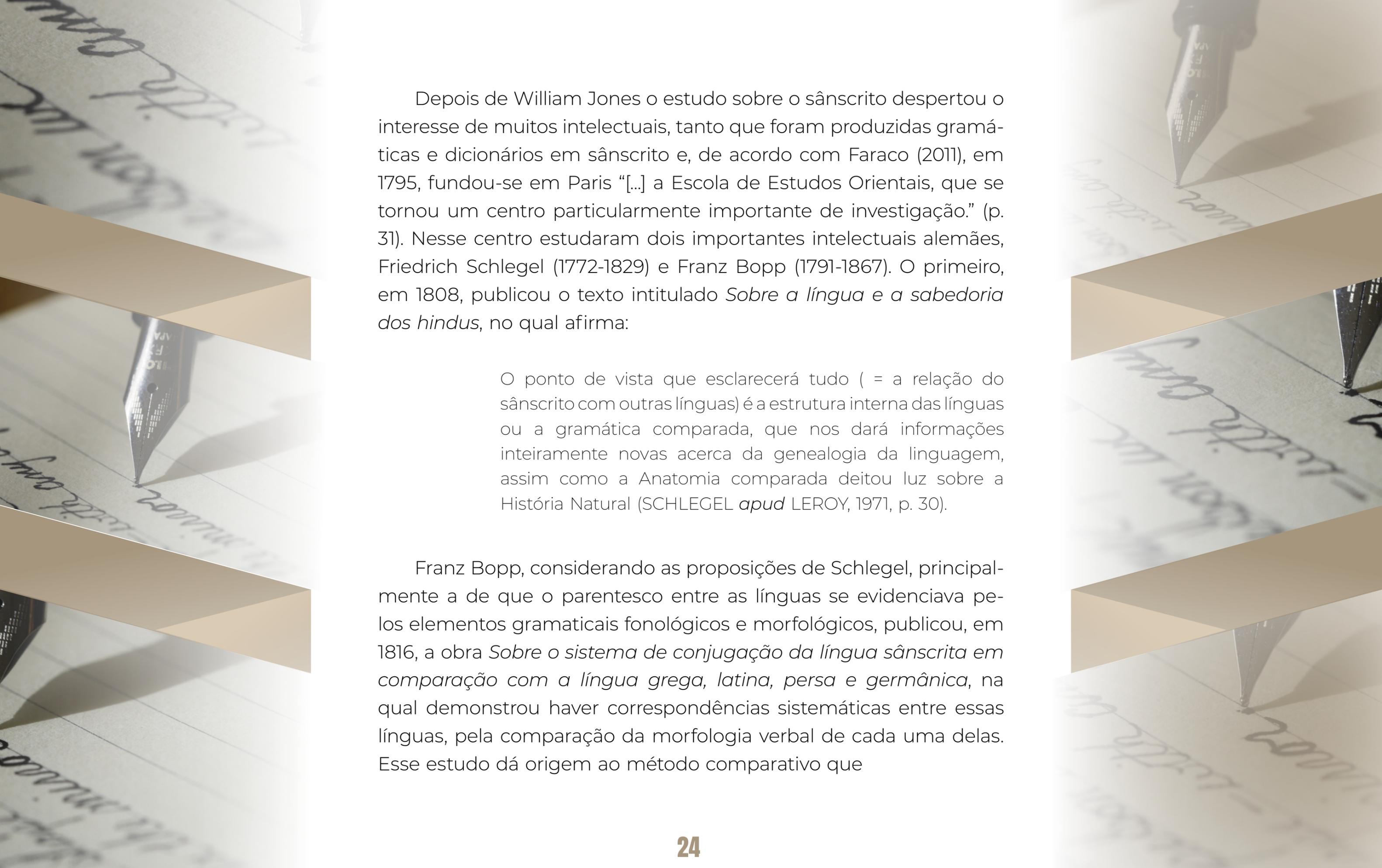
Essa terceira fase é um marco divisor “[...] na história das histórias do tempo e da linguagem, por inaugurar uma concepção inteiramente nova dos condicionantes dessa relação, e construir um novo plano para sua análise.” (SOUSA, 2006, p. 14). Esse novo plano de análise consistiu na articulação da esfera documental com a experimental, construindo a abordagem histórico-comparada. “A preocupação diacrônica em saber como as línguas evoluem e como funcionam é que vai marcar toda essa fase.” (CARVALHO, 2010, p. 20).

De acordo com Faraco (2011), o marco referencial deste período é a apresentação de William Jones, em 1786, à Sociedade Asiática de Bengala, de suas descobertas sobre as semelhanças entre o sânscrito, o latim e o grego e, ainda, o céltico, o gótico e o persa antigo, levantando a hipótese da origem comum entre essas línguas. Essa hipótese alvoroçou os intelectuais da época que acreditavam que todas as línguas derivavam do latim e provocou o interesse pelo estudo do parentesco linguístico e pelo protótipo comum. Haveria uma língua-mãe?

Imagem 5 - Retrato de William Jones (1746-1794) orientalista e jurista britânico



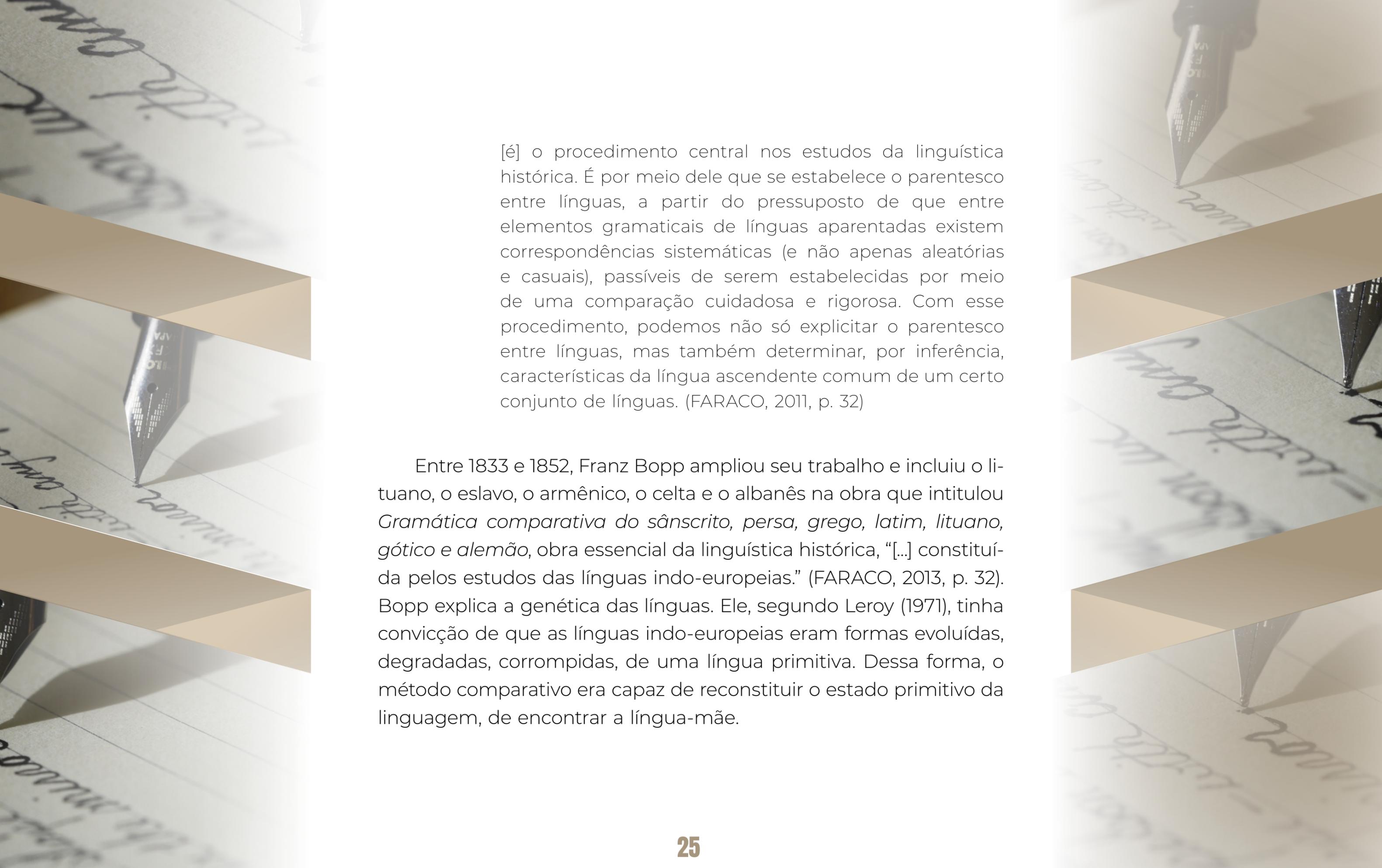
Fonte: Wikimedia Common.



Depois de William Jones o estudo sobre o sânscrito despertou o interesse de muitos intelectuais, tanto que foram produzidas gramáticas e dicionários em sânscrito e, de acordo com Faraco (2011), em 1795, fundou-se em Paris “[...] a Escola de Estudos Orientais, que se tornou um centro particularmente importante de investigação.” (p. 31). Nesse centro estudaram dois importantes intelectuais alemães, Friedrich Schlegel (1772-1829) e Franz Bopp (1791-1867). O primeiro, em 1808, publicou o texto intitulado *Sobre a língua e a sabedoria dos hindus*, no qual afirma:

O ponto de vista que esclarecerá tudo (= a relação do sânscrito com outras línguas) é a estrutura interna das línguas ou a gramática comparada, que nos dará informações inteiramente novas acerca da genealogia da linguagem, assim como a Anatomia comparada deitou luz sobre a História Natural (SCHLEGEL *apud* LEROY, 1971, p. 30).

Franz Bopp, considerando as proposições de Schlegel, principalmente a de que o parentesco entre as línguas se evidenciava pelos elementos gramaticais fonológicos e morfológicos, publicou, em 1816, a obra *Sobre o sistema de conjugação da língua sânscrita em comparação com a língua grega, latina, persa e germânica*, na qual demonstrou haver correspondências sistemáticas entre essas línguas, pela comparação da morfologia verbal de cada uma delas. Esse estudo dá origem ao método comparativo que



[é] o procedimento central nos estudos da linguística histórica. É por meio dele que se estabelece o parentesco entre línguas, a partir do pressuposto de que entre elementos gramaticais de línguas aparentadas existem correspondências sistemáticas (e não apenas aleatórias e casuais), passíveis de serem estabelecidas por meio de uma comparação cuidadosa e rigorosa. Com esse procedimento, podemos não só explicitar o parentesco entre línguas, mas também determinar, por inferência, características da língua ascendente comum de um certo conjunto de línguas. (FARACO, 2011, p. 32)

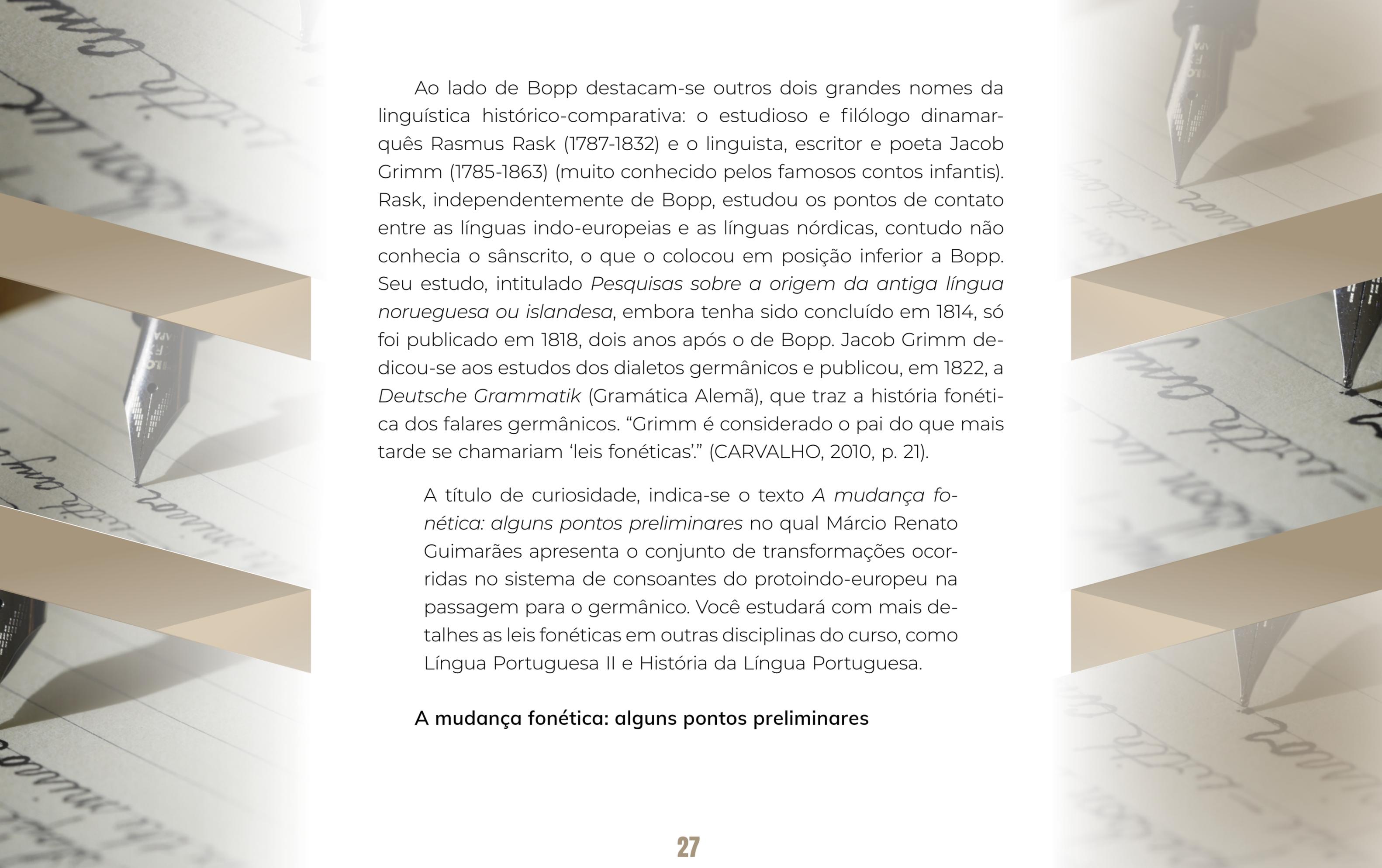
Entre 1833 e 1852, Franz Bopp ampliou seu trabalho e incluiu o lituano, o eslavo, o armênio, o celta e o albanês na obra que intitulou *Gramática comparativa do sânscrito, persa, grego, latim, lituano, gótico e alemão*, obra essencial da linguística histórica, “[...] constituída pelos estudos das línguas indo-europeias.” (FARACO, 2013, p. 32). Bopp explica a genética das línguas. Ele, segundo Leroy (1971), tinha convicção de que as línguas indo-europeias eram formas evoluídas, degradadas, corrompidas, de uma língua primitiva. Dessa forma, o método comparativo era capaz de reconstituir o estado primitivo da linguagem, de encontrar a língua-mãe.

Essa língua de origem, o chamado indo-europeu, não é uma língua da qual se tenham documentos. É uma reconstrução teórica, um conceito. Mas a vontade de reconstruir a língua-mãe é tal que chegam mesmo a escrever fábulas nessa 'língua' (ORLANDI, 2009, p. 14).

Imagem 6 - Retrato de Franz Bopp (1791-1867) linguista alemão, fundador da Linguística Comparada



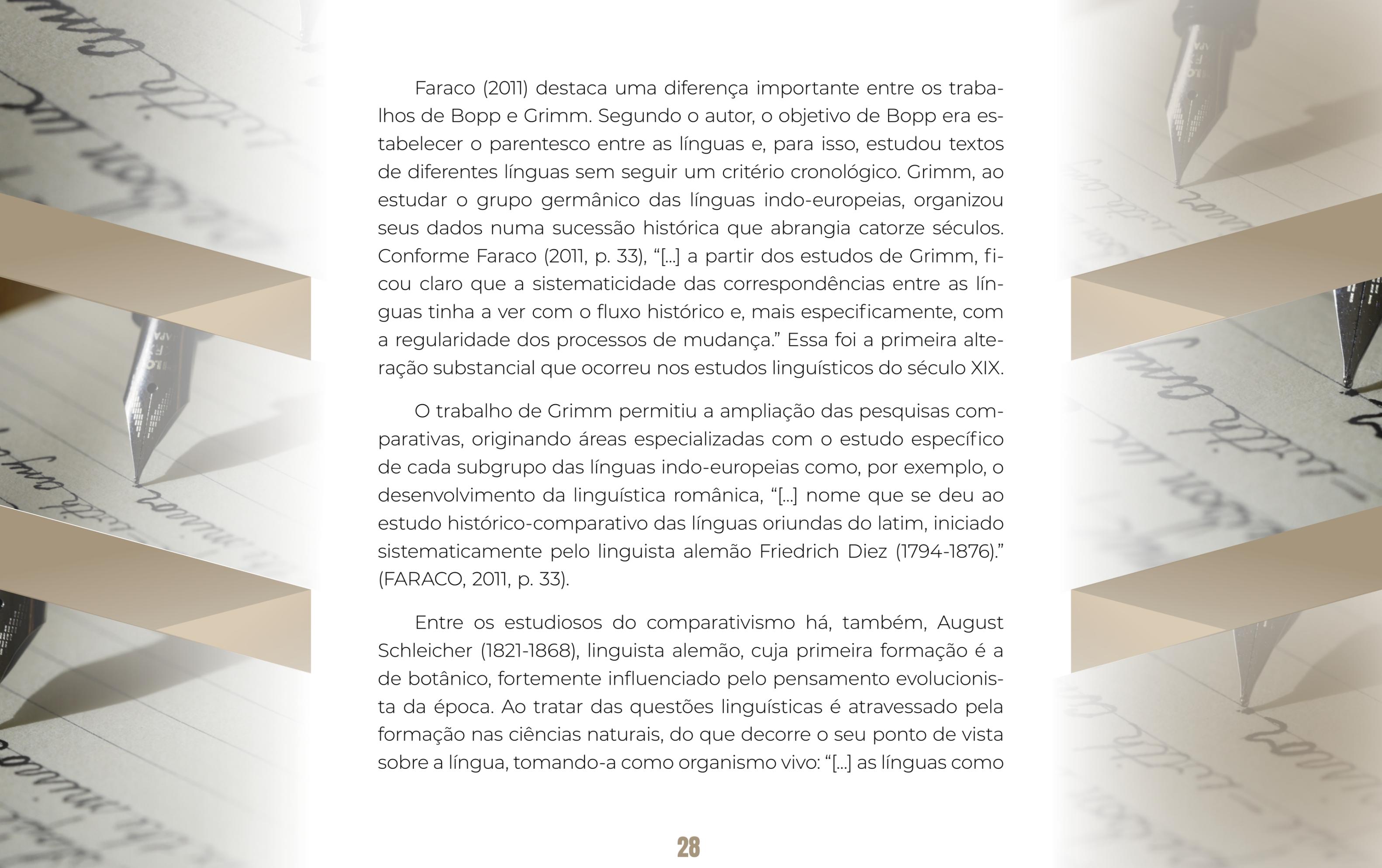
Fonte: Wikimedia Commons.



Ao lado de Bopp destacam-se outros dois grandes nomes da linguística histórico-comparativa: o estudioso e filólogo dinamarquês Rasmus Rask (1787-1832) e o linguista, escritor e poeta Jacob Grimm (1785-1863) (muito conhecido pelos famosos contos infantis). Rask, independentemente de Bopp, estudou os pontos de contato entre as línguas indo-europeias e as línguas nórdicas, contudo não conhecia o sânscrito, o que o colocou em posição inferior a Bopp. Seu estudo, intitulado *Pesquisas sobre a origem da antiga língua norueguesa ou islandesa*, embora tenha sido concluído em 1814, só foi publicado em 1818, dois anos após o de Bopp. Jacob Grimm dedicou-se aos estudos dos dialetos germânicos e publicou, em 1822, a *Deutsche Grammatik* (Gramática Alemã), que traz a história fonética dos falares germânicos. “Grimm é considerado o pai do que mais tarde se chamariam ‘leis fonéticas’.” (CARVALHO, 2010, p. 21).

A título de curiosidade, indica-se o texto *A mudança fonética: alguns pontos preliminares* no qual Márcio Renato Guimarães apresenta o conjunto de transformações ocorridas no sistema de consoantes do protoindo-europeu na passagem para o germânico. Você estudará com mais detalhes as leis fonéticas em outras disciplinas do curso, como Língua Portuguesa II e História da Língua Portuguesa.

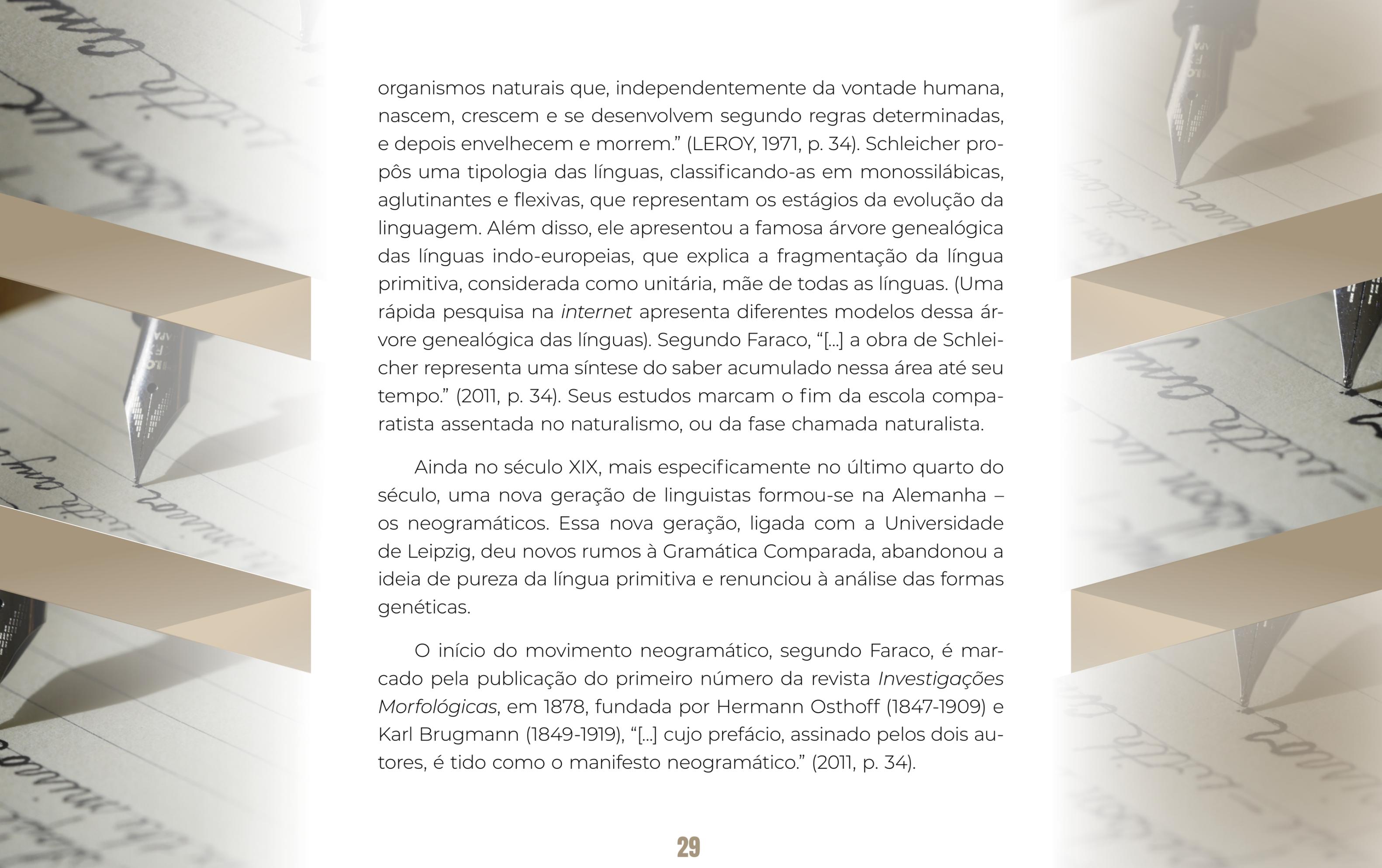
A mudança fonética: alguns pontos preliminares



Faraco (2011) destaca uma diferença importante entre os trabalhos de Bopp e Grimm. Segundo o autor, o objetivo de Bopp era estabelecer o parentesco entre as línguas e, para isso, estudou textos de diferentes línguas sem seguir um critério cronológico. Grimm, ao estudar o grupo germânico das línguas indo-europeias, organizou seus dados numa sucessão histórica que abrangia catorze séculos. Conforme Faraco (2011, p. 33), “[...] a partir dos estudos de Grimm, ficou claro que a sistematicidade das correspondências entre as línguas tinha a ver com o fluxo histórico e, mais especificamente, com a regularidade dos processos de mudança.” Essa foi a primeira alteração substancial que ocorreu nos estudos linguísticos do século XIX.

O trabalho de Grimm permitiu a ampliação das pesquisas comparativas, originando áreas especializadas com o estudo específico de cada subgrupo das línguas indo-europeias como, por exemplo, o desenvolvimento da linguística românica, “[...] nome que se deu ao estudo histórico-comparativo das línguas oriundas do latim, iniciado sistematicamente pelo linguista alemão Friedrich Diez (1794-1876).” (FARACO, 2011, p. 33).

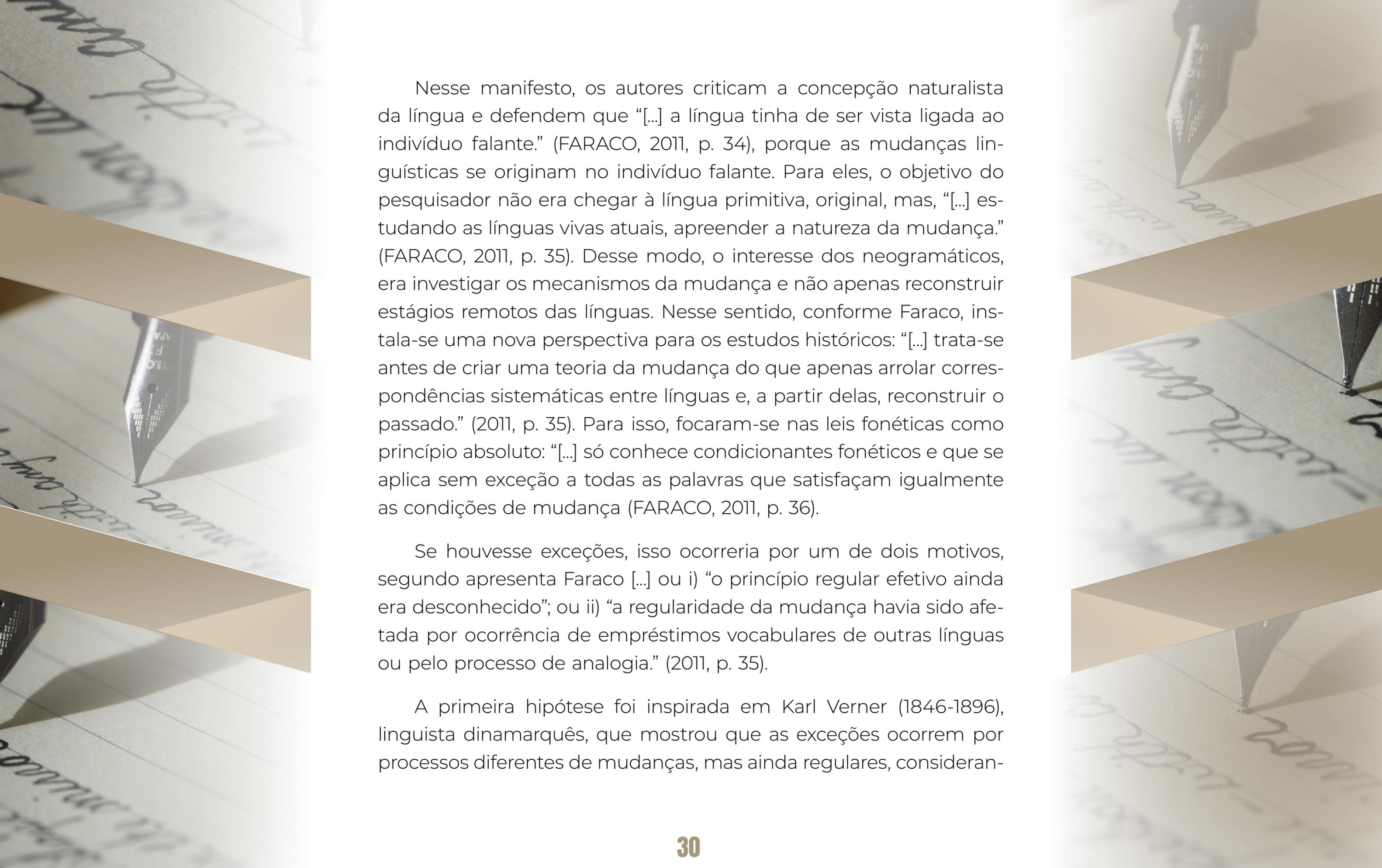
Entre os estudiosos do comparativismo há, também, August Schleicher (1821-1868), linguista alemão, cuja primeira formação é a de botânico, fortemente influenciado pelo pensamento evolucionista da época. Ao tratar das questões linguísticas é atravessado pela formação nas ciências naturais, do que decorre o seu ponto de vista sobre a língua, tomando-a como organismo vivo: “[...] as línguas como



organismos naturais que, independentemente da vontade humana, nascem, crescem e se desenvolvem segundo regras determinadas, e depois envelhecem e morrem.” (LEROY, 1971, p. 34). Schleicher propôs uma tipologia das línguas, classificando-as em monossilábicas, aglutinantes e flexivas, que representam os estágios da evolução da linguagem. Além disso, ele apresentou a famosa árvore genealógica das línguas indo-europeias, que explica a fragmentação da língua primitiva, considerada como unitária, mãe de todas as línguas. (Uma rápida pesquisa na *internet* apresenta diferentes modelos dessa árvore genealógica das línguas). Segundo Faraco, “[...] a obra de Schleicher representa uma síntese do saber acumulado nessa área até seu tempo.” (2011, p. 34). Seus estudos marcam o fim da escola comparatista assentada no naturalismo, ou da fase chamada naturalista.

Ainda no século XIX, mais especificamente no último quarto do século, uma nova geração de linguistas formou-se na Alemanha – os neogramáticos. Essa nova geração, ligada com a Universidade de Leipzig, deu novos rumos à Gramática Comparada, abandonou a ideia de pureza da língua primitiva e renunciou à análise das formas genéticas.

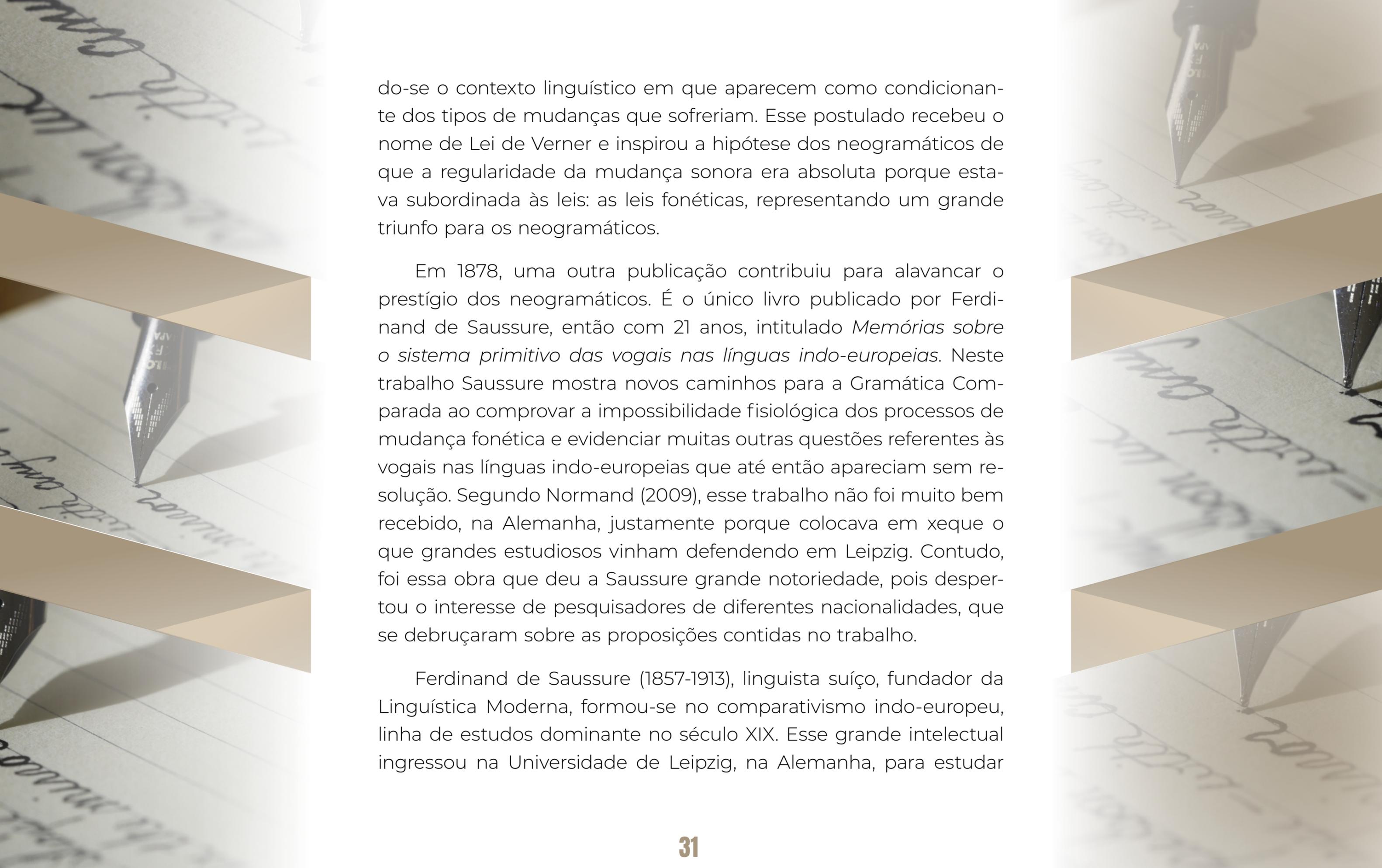
O início do movimento neogramático, segundo Faraco, é marcado pela publicação do primeiro número da revista *Investigações Morfológicas*, em 1878, fundada por Hermann Osthoff (1847-1909) e Karl Brugmann (1849-1919), “[...] cujo prefácio, assinado pelos dois autores, é tido como o manifesto neogramático.” (2011, p. 34).



Nesse manifesto, os autores criticam a concepção naturalista da língua e defendem que “[...] a língua tinha de ser vista ligada ao indivíduo falante.” (FARACO, 2011, p. 34), porque as mudanças linguísticas se originam no indivíduo falante. Para eles, o objetivo do pesquisador não era chegar à língua primitiva, original, mas, “[...] estudando as línguas vivas atuais, apreender a natureza da mudança.” (FARACO, 2011, p. 35). Desse modo, o interesse dos neogramáticos, era investigar os mecanismos da mudança e não apenas reconstruir estágios remotos das línguas. Nesse sentido, conforme Faraco, instala-se uma nova perspectiva para os estudos históricos: “[...] trata-se antes de criar uma teoria da mudança do que apenas arrolar correspondências sistemáticas entre línguas e, a partir delas, reconstruir o passado.” (2011, p. 35). Para isso, focaram-se nas leis fonéticas como princípio absoluto: “[...] só conhece condicionantes fonéticos e que se aplica sem exceção a todas as palavras que satisfaçam igualmente as condições de mudança (FARACO, 2011, p. 36).

Se houvesse exceções, isso ocorreria por um de dois motivos, segundo apresenta Faraco [...] ou i) “o princípio regular efetivo ainda era desconhecido”; ou ii) “a regularidade da mudança havia sido afetada por ocorrência de empréstimos vocabulares de outras línguas ou pelo processo de analogia.” (2011, p. 35).

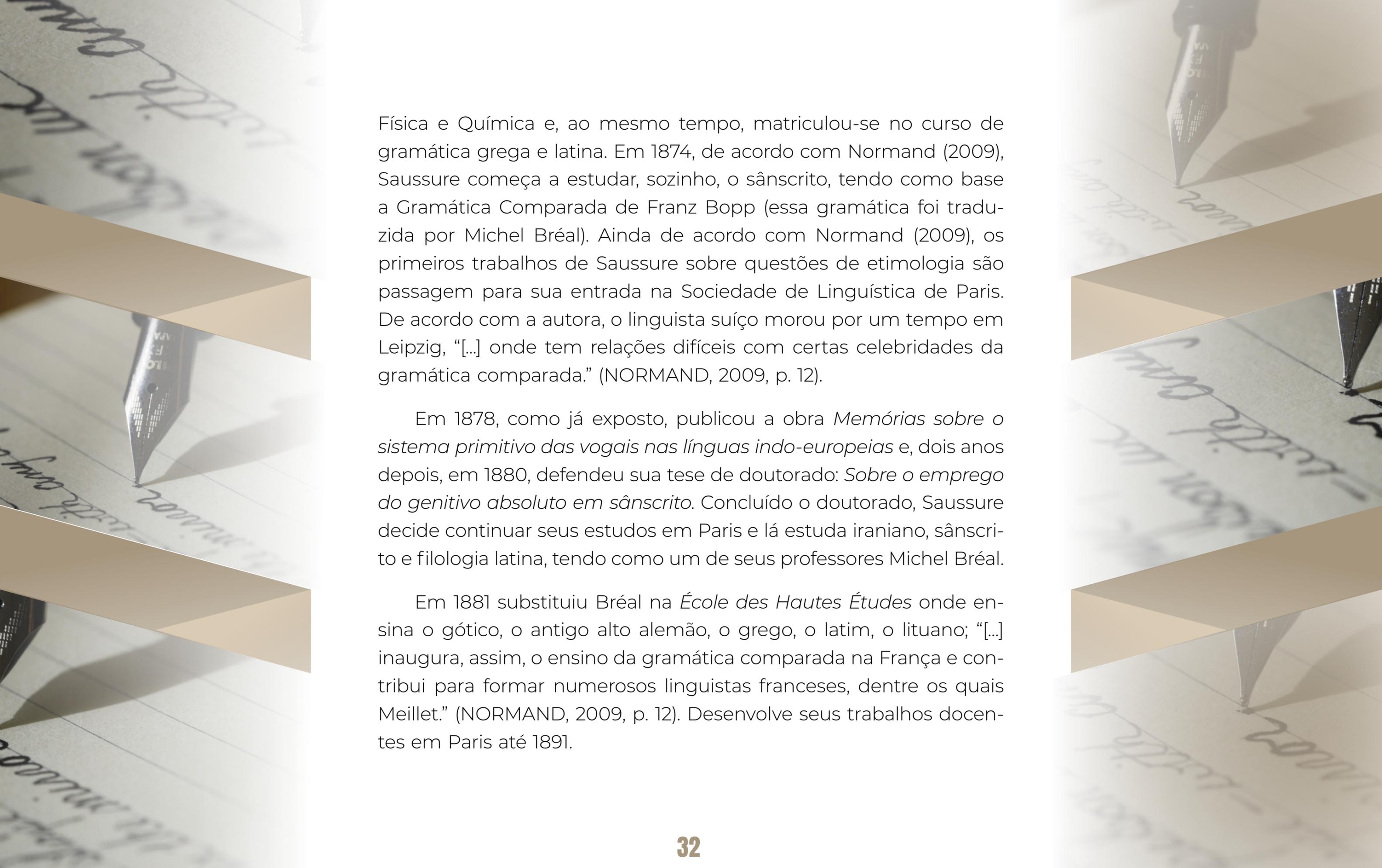
A primeira hipótese foi inspirada em Karl Verner (1846-1896), linguista dinamarquês, que mostrou que as exceções ocorrem por processos diferentes de mudanças, mas ainda regulares, consideran-



do-se o contexto linguístico em que aparecem como condicionante dos tipos de mudanças que sofreriam. Esse postulado recebeu o nome de Lei de Verner e inspirou a hipótese dos neogramáticos de que a regularidade da mudança sonora era absoluta porque estava subordinada às leis: as leis fonéticas, representando um grande triunfo para os neogramáticos.

Em 1878, uma outra publicação contribuiu para alavancar o prestígio dos neogramáticos. É o único livro publicado por Ferdinand de Saussure, então com 21 anos, intitulado *Memórias sobre o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias*. Neste trabalho Saussure mostra novos caminhos para a Gramática Comparada ao comprovar a impossibilidade fisiológica dos processos de mudança fonética e evidenciar muitas outras questões referentes às vogais nas línguas indo-europeias que até então apareciam sem resolução. Segundo Normand (2009), esse trabalho não foi muito bem recebido, na Alemanha, justamente porque colocava em xeque o que grandes estudiosos vinham defendendo em Leipzig. Contudo, foi essa obra que deu a Saussure grande notoriedade, pois despertou o interesse de pesquisadores de diferentes nacionalidades, que se debruçaram sobre as proposições contidas no trabalho.

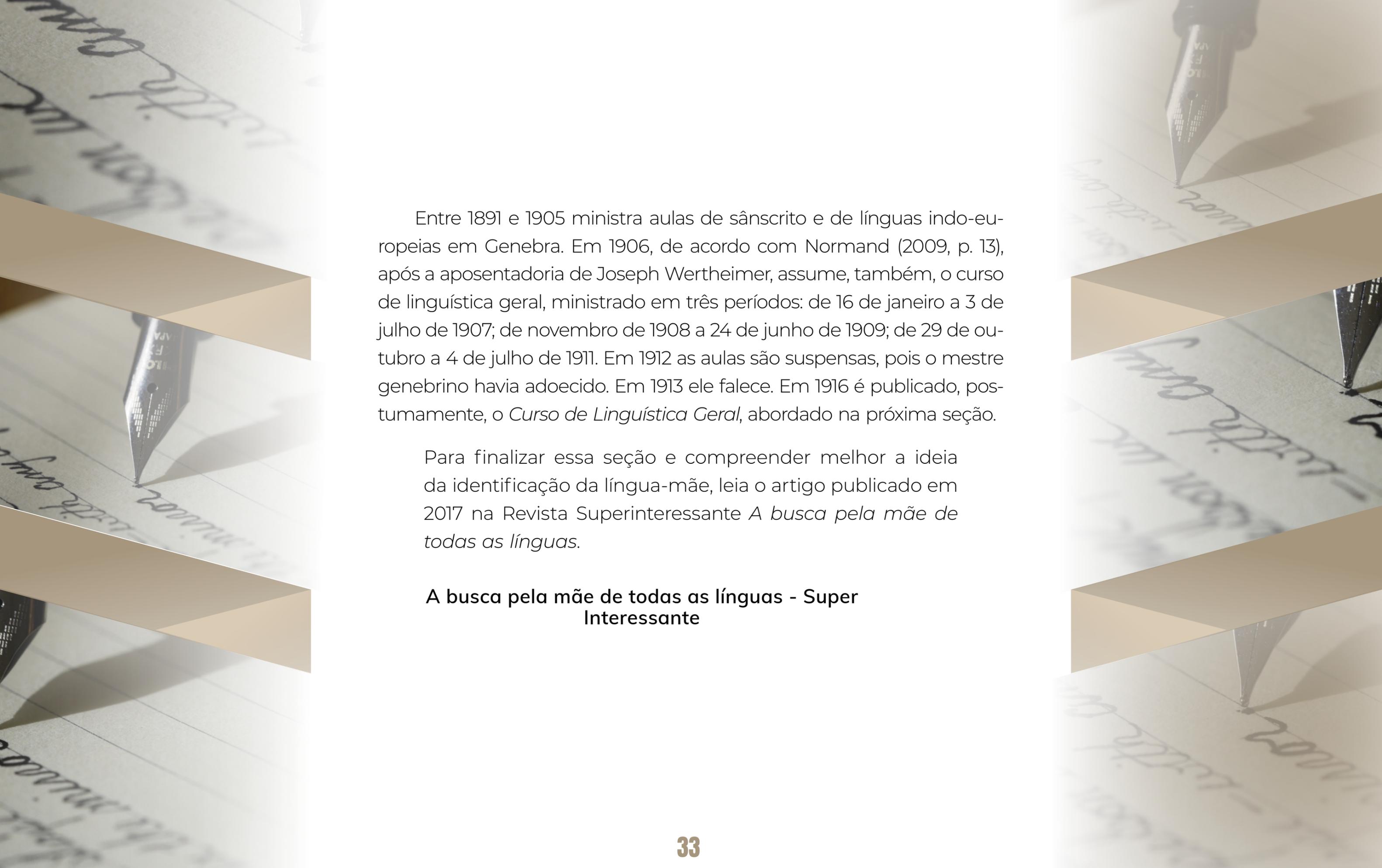
Ferdinand de Saussure (1857-1913), linguista suíço, fundador da Linguística Moderna, formou-se no comparativismo indo-europeu, linha de estudos dominante no século XIX. Esse grande intelectual ingressou na Universidade de Leipzig, na Alemanha, para estudar



Física e Química e, ao mesmo tempo, matriculou-se no curso de gramática grega e latina. Em 1874, de acordo com Normand (2009), Saussure começa a estudar, sozinho, o sânscrito, tendo como base a Gramática Comparada de Franz Bopp (essa gramática foi traduzida por Michel Bréal). Ainda de acordo com Normand (2009), os primeiros trabalhos de Saussure sobre questões de etimologia são passagem para sua entrada na Sociedade de Linguística de Paris. De acordo com a autora, o linguista suíço morou por um tempo em Leipzig, “[...] onde tem relações difíceis com certas celebridades da gramática comparada.” (NORMAND, 2009, p. 12).

Em 1878, como já exposto, publicou a obra *Memórias sobre o sistema primitivo das vogais nas línguas indo-europeias* e, dois anos depois, em 1880, defendeu sua tese de doutorado: *Sobre o emprego do genitivo absoluto em sânscrito*. Concluído o doutorado, Saussure decide continuar seus estudos em Paris e lá estuda iraniano, sânscrito e filologia latina, tendo como um de seus professores Michel Bréal.

Em 1881 substituiu Bréal na *École des Hautes Études* onde ensina o gótico, o antigo alto alemão, o grego, o latim, o lituano; “[...] inaugura, assim, o ensino da gramática comparada na França e contribui para formar numerosos linguistas franceses, dentre os quais Meillet.” (NORMAND, 2009, p. 12). Desenvolve seus trabalhos docentes em Paris até 1891.

The background of the page features a close-up, artistic photograph of a fountain pen writing on a document. The pen is positioned diagonally, and the ink is visible as it moves across the paper. The document has some faint, handwritten text, which appears to be in a non-Latin script, possibly Sanskrit or a similar language. The lighting is soft, creating a warm and scholarly atmosphere. The pen's nib is the central focus, with the ink being deposited onto the paper. The overall composition is clean and professional, suitable for an academic or educational publication.

Entre 1891 e 1905 ministra aulas de sânscrito e de línguas indo-europeias em Genebra. Em 1906, de acordo com Normand (2009, p. 13), após a aposentadoria de Joseph Wertheimer, assume, também, o curso de linguística geral, ministrado em três períodos: de 16 de janeiro a 3 de julho de 1907; de novembro de 1908 a 24 de junho de 1909; de 29 de outubro a 4 de julho de 1911. Em 1912 as aulas são suspensas, pois o mestre genebrino havia adoecido. Em 1913 ele falece. Em 1916 é publicado, postumamente, o *Curso de Linguística Geral*, abordado na próxima seção.

Para finalizar essa seção e compreender melhor a ideia da identificação da língua-mãe, leia o artigo publicado em 2017 na Revista Superinteressante *A busca pela mãe de todas as línguas*.

A busca pela mãe de todas as línguas - Super Interessante

2. O CURSO DE LINGUÍSTICA GERAL

A obra *Curso de Linguística Geral* (1916), embora traga o nome de Saussure como autor, não foi escrita por ele, mas por dois de seus alunos em colaboração com um terceiro. Após a morte de Saussure, Charles Bally e Albert Sechehaye, contando com a colaboração de Albert Riedlinger reuniram as anotações dos alunos participantes dos três cursos de Linguística Geral ministrados por Saussure na Universidade de Genebra entre 1907 e 1911, conforme destacado no final da seção anterior.

Ferdinand de Saussure foi um dos linguistas mais importantes de sua época e além de contribuir para o avanço nos estudos da linguística comparativa, inclusive formando vários outros linguistas, definiu, no início do século XX, um novo objeto de estudos para a Linguística. Saussure criticava a ausência de princípios metodológicos científicos nos estudos praticados:

[...] por grandes que sejam os serviços prestados por essa escola [neogramáticos], não se pode dizer que tenha esclarecido a totalidade da questão, e, ainda hoje, os problemas fundamentais da Linguística Geral aguardam uma solução. (SAUSSURE [1916] 2010, p. 12).

Ele reivindicava para a Linguística um lugar nas Ciências Humanas e, conforme Bally e Sechehaye no prefácio do CLG ([1916] 2006, p. 1):

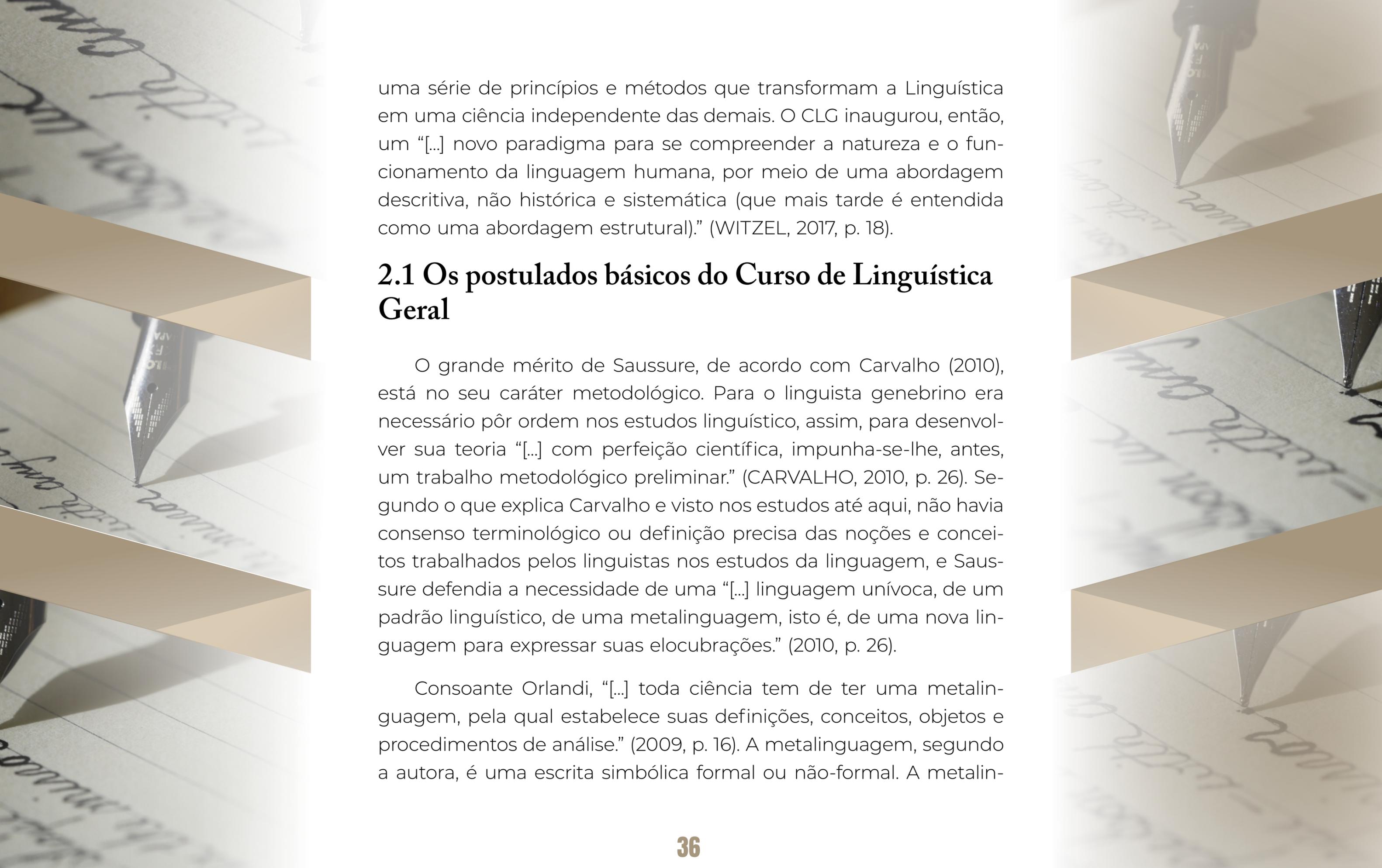


Repetidas vezes ouvimos Saussure deplorar a insuficiência dos princípios e dos métodos que caracterizavam a Linguística em cujo ambiente seu gênio se desenvolveu, e ao longo de toda a sua vida pesquisou ele, obstinadamente, as leis diretrizes que lhe poderiam orientar o pensamento através desse caos.

Foi nos cursos que ministrou e dos quais resultou o CLG que Saussure expôs as ideias para a construção de uma linguística científica e que são apresentadas por seus discípulos. Porém, como lembra Witzel,

Como não foi Saussure quem escreveu o livro, não é possível partir do princípio de que o CLG expressa rigorosamente o que ele disse/pensava, pois bem sabemos que entre o que diz um professor e o que seus alunos anotam, há um processo de seleção e interpretação, orientados por interesses pessoais e pontos de vistas. Daí a indagação de Bally e Sechehaye no prefácio do CLG (1995, p. 5): '[...] saberá a crítica distinguir entre o mestre e seus intérpretes?' Witzel (2017, p. 17)

Depois de pouco mais de um século desde a publicação do CLG, a obra é estudada, pesquisada com atenção e respeito, pois seu *status* fundacional é incontestado. O CLG rompe com a tradição comparatista à qual o próprio Saussure pertencia e dá visibilidade a

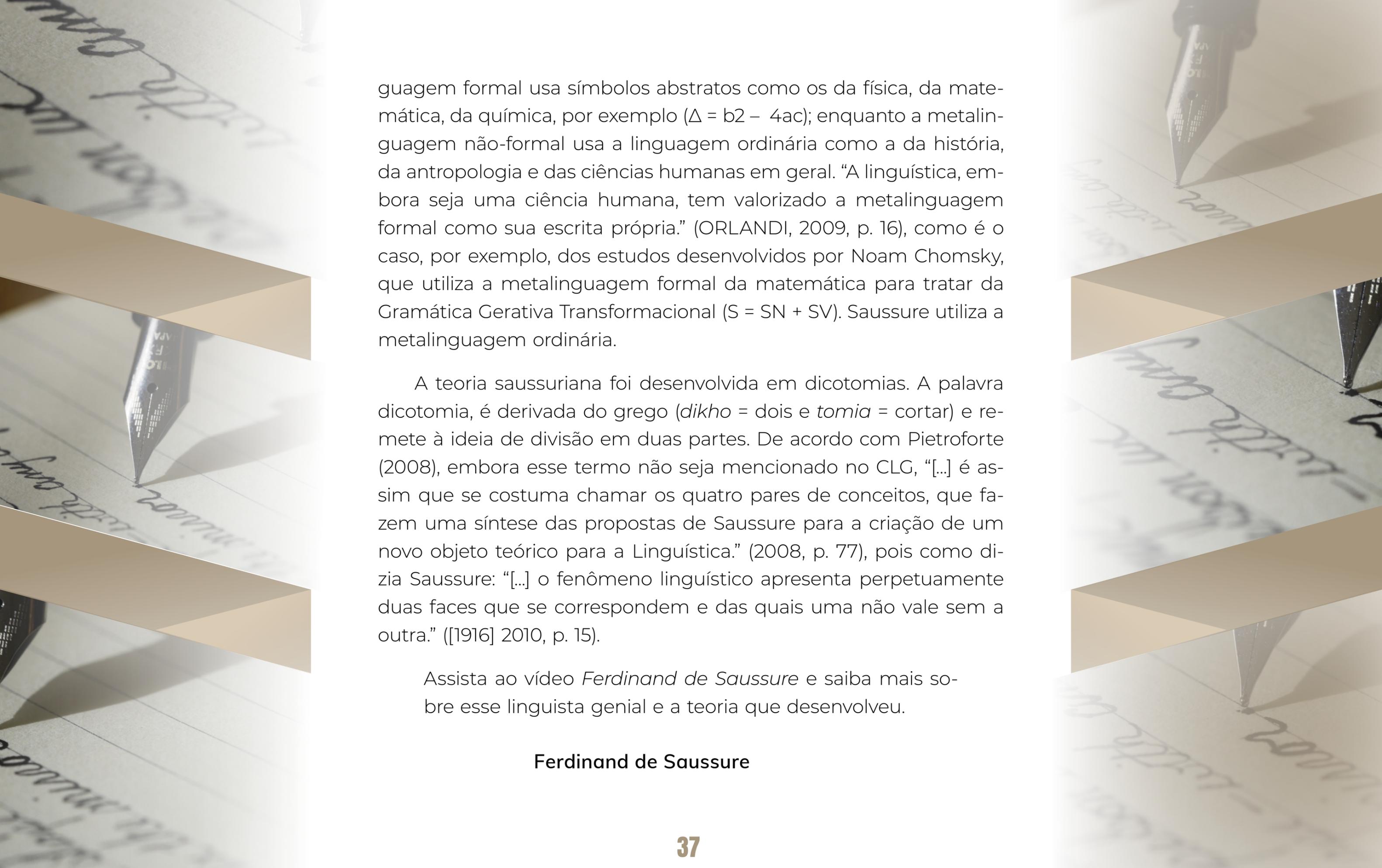
A decorative background featuring a close-up of a fountain pen nib writing on a document. The pen is positioned diagonally, and the ink is visible on the paper. The background is slightly blurred, emphasizing the pen and the act of writing. The overall color palette is warm and professional, with shades of beige and brown.

uma série de princípios e métodos que transformam a Linguística em uma ciência independente das demais. O CLG inaugurou, então, um “[...] novo paradigma para se compreender a natureza e o funcionamento da linguagem humana, por meio de uma abordagem descritiva, não histórica e sistemática (que mais tarde é entendida como uma abordagem estrutural).” (WITZEL, 2017, p. 18).

2.1 Os postulados básicos do Curso de Linguística Geral

O grande mérito de Saussure, de acordo com Carvalho (2010), está no seu caráter metodológico. Para o linguista genebrino era necessário pôr ordem nos estudos linguístico, assim, para desenvolver sua teoria “[...] com perfeição científica, impunha-se-lhe, antes, um trabalho metodológico preliminar.” (CARVALHO, 2010, p. 26). Segundo o que explica Carvalho e visto nos estudos até aqui, não havia consenso terminológico ou definição precisa das noções e conceitos trabalhados pelos linguistas nos estudos da linguagem, e Saussure defendia a necessidade de uma “[...] linguagem unívoca, de um padrão linguístico, de uma metalinguagem, isto é, de uma nova linguagem para expressar suas elocubrações.” (2010, p. 26).

Consoante Orlandi, “[...] toda ciência tem de ter uma metalinguagem, pela qual estabelece suas definições, conceitos, objetos e procedimentos de análise.” (2009, p. 16). A metalinguagem, segundo a autora, é uma escrita simbólica formal ou não-formal. A metalin-

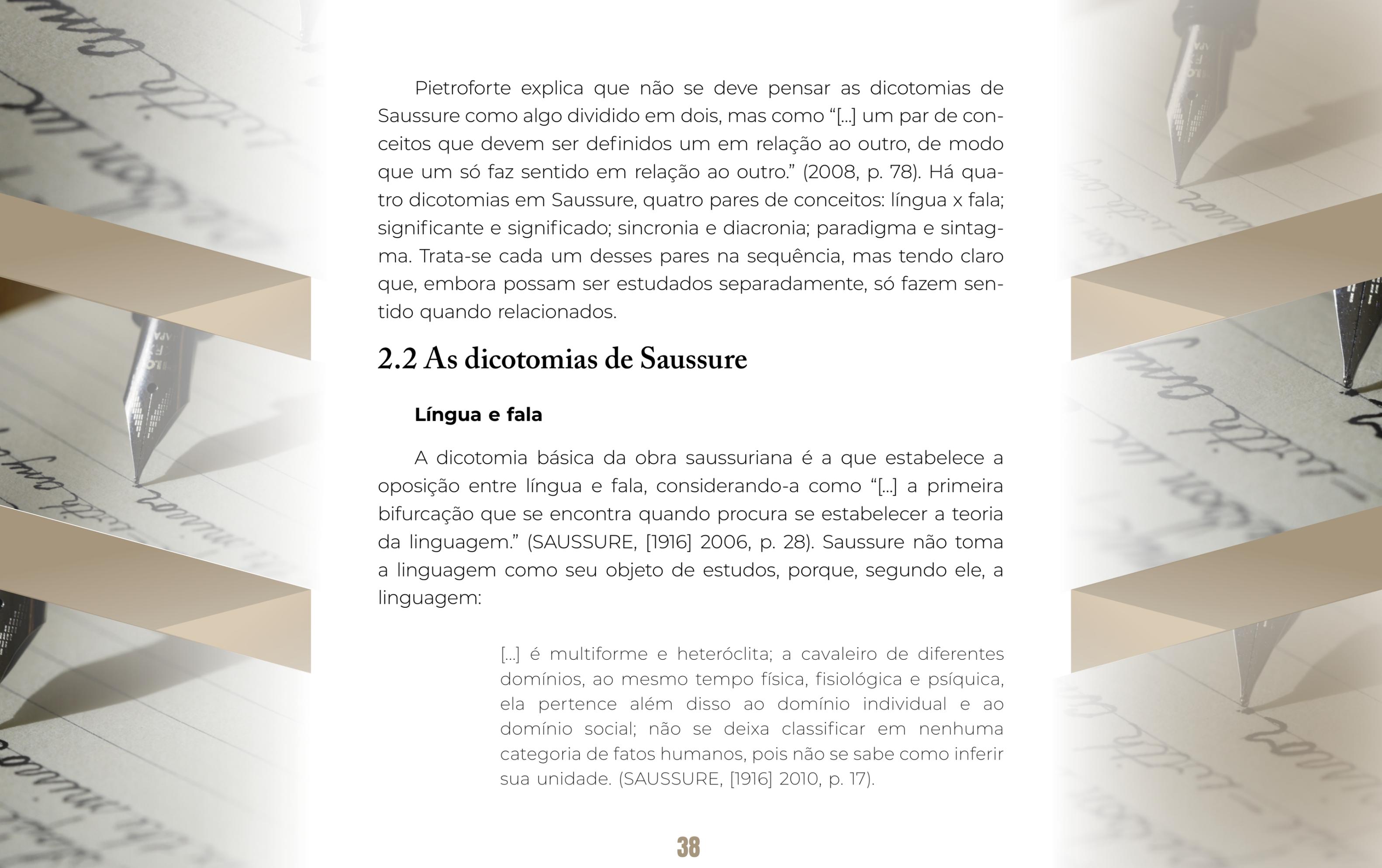


guagem formal usa símbolos abstratos como os da física, da matemática, da química, por exemplo ($\Delta = b^2 - 4ac$); enquanto a metalinguagem não-formal usa a linguagem ordinária como a da história, da antropologia e das ciências humanas em geral. “A linguística, embora seja uma ciência humana, tem valorizado a metalinguagem formal como sua escrita própria.” (ORLANDI, 2009, p. 16), como é o caso, por exemplo, dos estudos desenvolvidos por Noam Chomsky, que utiliza a metalinguagem formal da matemática para tratar da Gramática Gerativa Transformacional ($S = SN + SV$). Saussure utiliza a metalinguagem ordinária.

A teoria saussuriana foi desenvolvida em dicotomias. A palavra dicotomia, é derivada do grego (*dikho* = dois e *tomia* = cortar) e remete à ideia de divisão em duas partes. De acordo com Pietroforte (2008), embora esse termo não seja mencionado no CLG, “[...] é assim que se costuma chamar os quatro pares de conceitos, que fazem uma síntese das propostas de Saussure para a criação de um novo objeto teórico para a Linguística.” (2008, p. 77), pois como dizia Saussure: “[...] o fenômeno linguístico apresenta perpetuamente duas faces que se correspondem e das quais uma não vale sem a outra.” ([1916] 2010, p. 15).

Assista ao vídeo *Ferdinand de Saussure* e saiba mais sobre esse linguista genial e a teoria que desenvolveu.

Ferdinand de Saussure



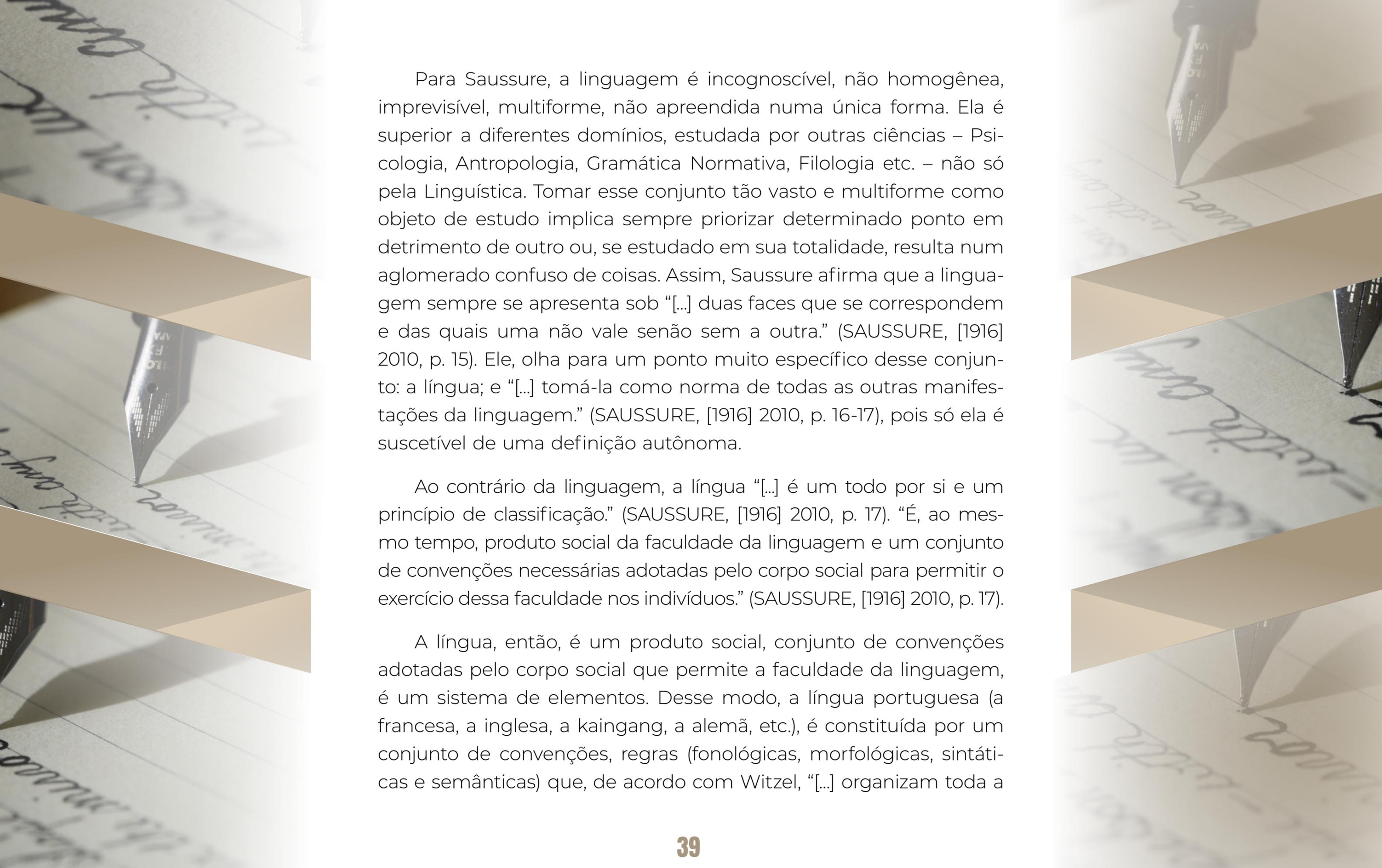
Pietroforte explica que não se deve pensar as dicotomias de Saussure como algo dividido em dois, mas como “[...] um par de conceitos que devem ser definidos um em relação ao outro, de modo que um só faz sentido em relação ao outro.” (2008, p. 78). Há quatro dicotomias em Saussure, quatro pares de conceitos: língua x fala; significante e significado; sincronia e diacronia; paradigma e sintagma. Trata-se cada um desses pares na sequência, mas tendo claro que, embora possam ser estudados separadamente, só fazem sentido quando relacionados.

2.2 As dicotomias de Saussure

Língua e fala

A dicotomia básica da obra saussuriana é a que estabelece a oposição entre língua e fala, considerando-a como “[...] a primeira bifurcação que se encontra quando procura se estabelecer a teoria da linguagem.” (SAUSSURE, [1916] 2006, p. 28). Saussure não toma a linguagem como seu objeto de estudos, porque, segundo ele, a linguagem:

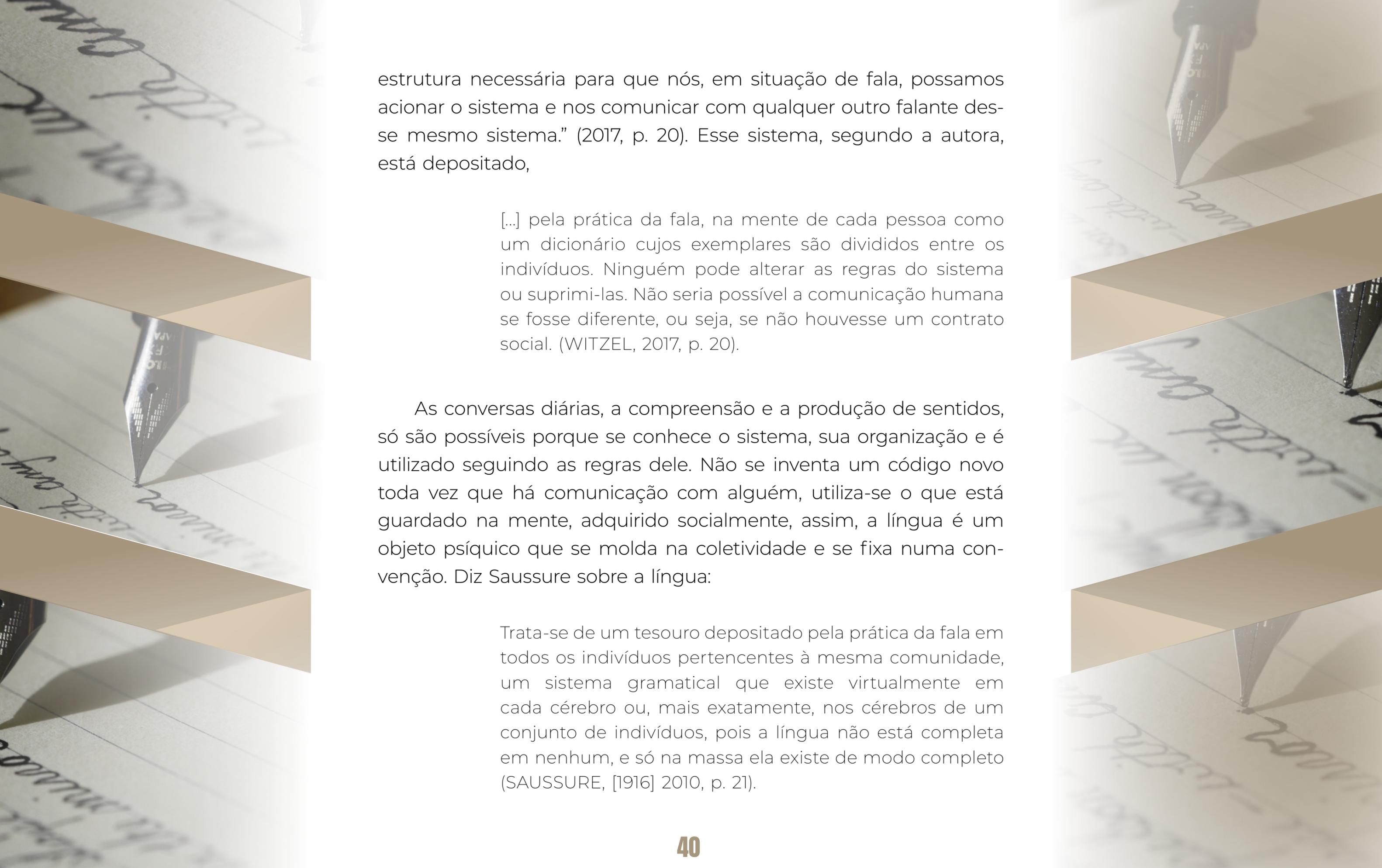
[...] é multiforme e heteróclita; a cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. (SAUSSURE, [1916] 2010, p. 17).



Para Saussure, a linguagem é incognoscível, não homogênea, imprevisível, multiforme, não apreendida numa única forma. Ela é superior a diferentes domínios, estudada por outras ciências – Psicologia, Antropologia, Gramática Normativa, Filologia etc. – não só pela Linguística. Tomar esse conjunto tão vasto e multiforme como objeto de estudo implica sempre priorizar determinado ponto em detrimento de outro ou, se estudado em sua totalidade, resulta num aglomerado confuso de coisas. Assim, Saussure afirma que a linguagem sempre se apresenta sob “[...] duas faces que se correspondem e das quais uma não vale senão sem a outra.” (SAUSSURE, [1916] 2010, p. 15). Ele, olha para um ponto muito específico desse conjunto: a língua; e “[...] tomá-la como norma de todas as outras manifestações da linguagem.” (SAUSSURE, [1916] 2010, p. 16-17), pois só ela é suscetível de uma definição autônoma.

Ao contrário da linguagem, a língua “[...] é um todo por si e um princípio de classificação.” (SAUSSURE, [1916] 2010, p. 17). “É, ao mesmo tempo, produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos.” (SAUSSURE, [1916] 2010, p. 17).

A língua, então, é um produto social, conjunto de convenções adotadas pelo corpo social que permite a faculdade da linguagem, é um sistema de elementos. Desse modo, a língua portuguesa (a francesa, a inglesa, a kaingang, a alemã, etc.), é constituída por um conjunto de convenções, regras (fonológicas, morfológicas, sintáticas e semânticas) que, de acordo com Witzel, “[...] organizam toda a

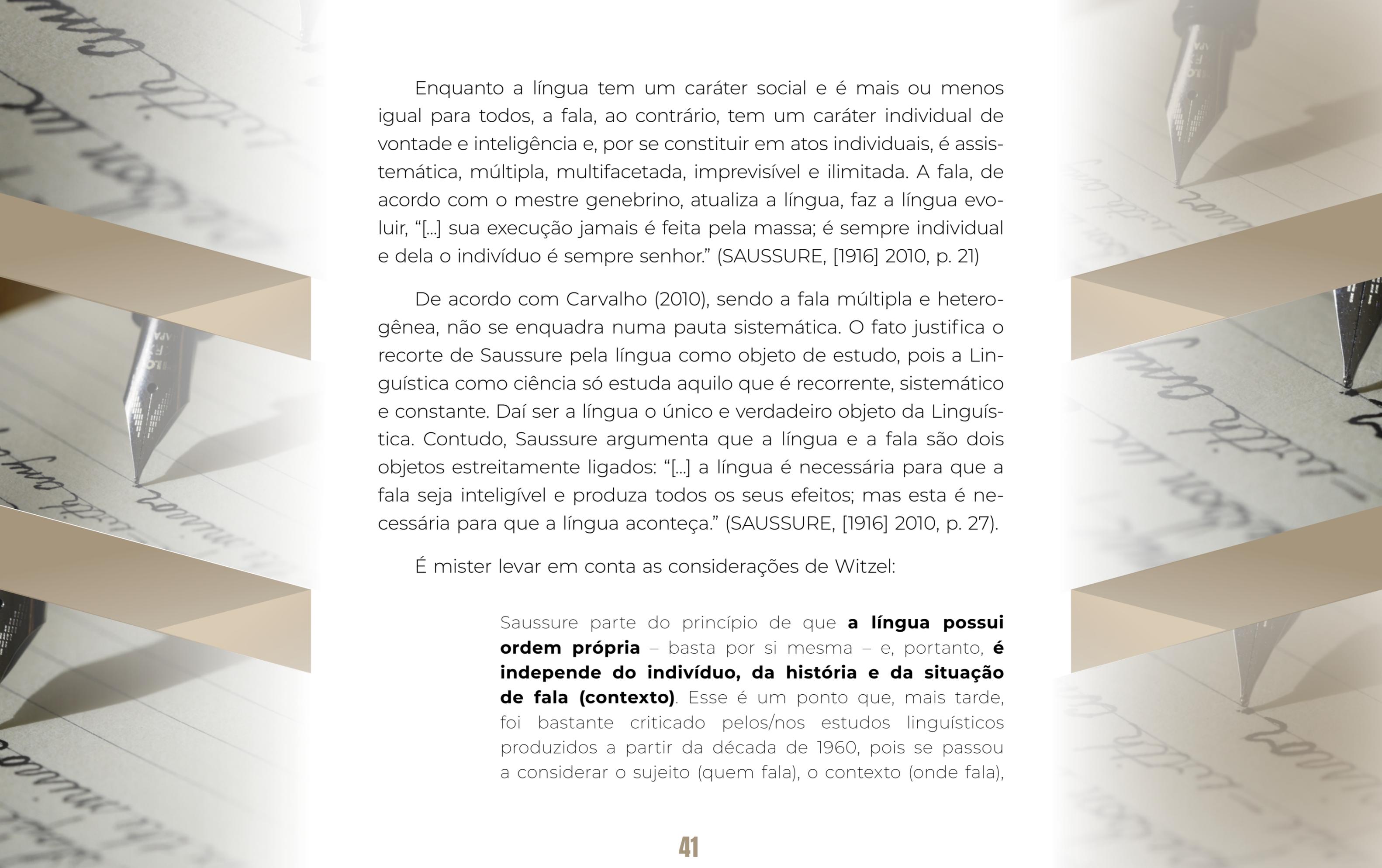


estrutura necessária para que nós, em situação de fala, possamos acionar o sistema e nos comunicar com qualquer outro falante desse mesmo sistema.” (2017, p. 20). Esse sistema, segundo a autora, está depositado,

[...] pela prática da fala, na mente de cada pessoa como um dicionário cujos exemplares são divididos entre os indivíduos. Ninguém pode alterar as regras do sistema ou suprimi-las. Não seria possível a comunicação humana se fosse diferente, ou seja, se não houvesse um contrato social. (WITZEL, 2017, p. 20).

As conversas diárias, a compreensão e a produção de sentidos, só são possíveis porque se conhece o sistema, sua organização e é utilizado seguindo as regras dele. Não se inventa um código novo toda vez que há comunicação com alguém, utiliza-se o que está guardado na mente, adquirido socialmente, assim, a língua é um objeto psíquico que se molda na coletividade e se fixa numa convenção. Diz Saussure sobre a língua:

Trata-se de um tesouro depositado pela prática da fala em todos os indivíduos pertencentes à mesma comunidade, um sistema gramatical que existe virtualmente em cada cérebro ou, mais exatamente, nos cérebros de um conjunto de indivíduos, pois a língua não está completa em nenhum, e só na massa ela existe de modo completo (SAUSSURE, [1916] 2010, p. 21).



Enquanto a língua tem um caráter social e é mais ou menos igual para todos, a fala, ao contrário, tem um caráter individual de vontade e inteligência e, por se constituir em atos individuais, é assistemática, múltipla, multifacetada, imprevisível e ilimitada. A fala, de acordo com o mestre genebrino, atualiza a língua, faz a língua evoluir, “[...] sua execução jamais é feita pela massa; é sempre individual e dela o indivíduo é sempre senhor.” (SAUSSURE, [1916] 2010, p. 21)

De acordo com Carvalho (2010), sendo a fala múltipla e heterogênea, não se enquadra numa pauta sistemática. O fato justifica o recorte de Saussure pela língua como objeto de estudo, pois a Linguística como ciência só estuda aquilo que é recorrente, sistemático e constante. Daí ser a língua o único e verdadeiro objeto da Linguística. Contudo, Saussure argumenta que a língua e a fala são dois objetos estreitamente ligados: “[...] a língua é necessária para que a fala seja inteligível e produza todos os seus efeitos; mas esta é necessária para que a língua aconteça.” (SAUSSURE, [1916] 2010, p. 27).

É mister levar em conta as considerações de Witzel:

Saussure parte do princípio de que **a língua possui ordem própria** – basta por si mesma – e, portanto, **é independente do indivíduo, da história e da situação de fala (contexto)**. Esse é um ponto que, mais tarde, foi bastante criticado pelos/nos estudos linguísticos produzidos a partir da década de 1960, pois se passou a considerar o sujeito (quem fala), o contexto (onde fala),

a história, enfim, os elementos excluídos nas práticas estruturalistas como imprescindíveis na produção dos sentidos de um enunciado.

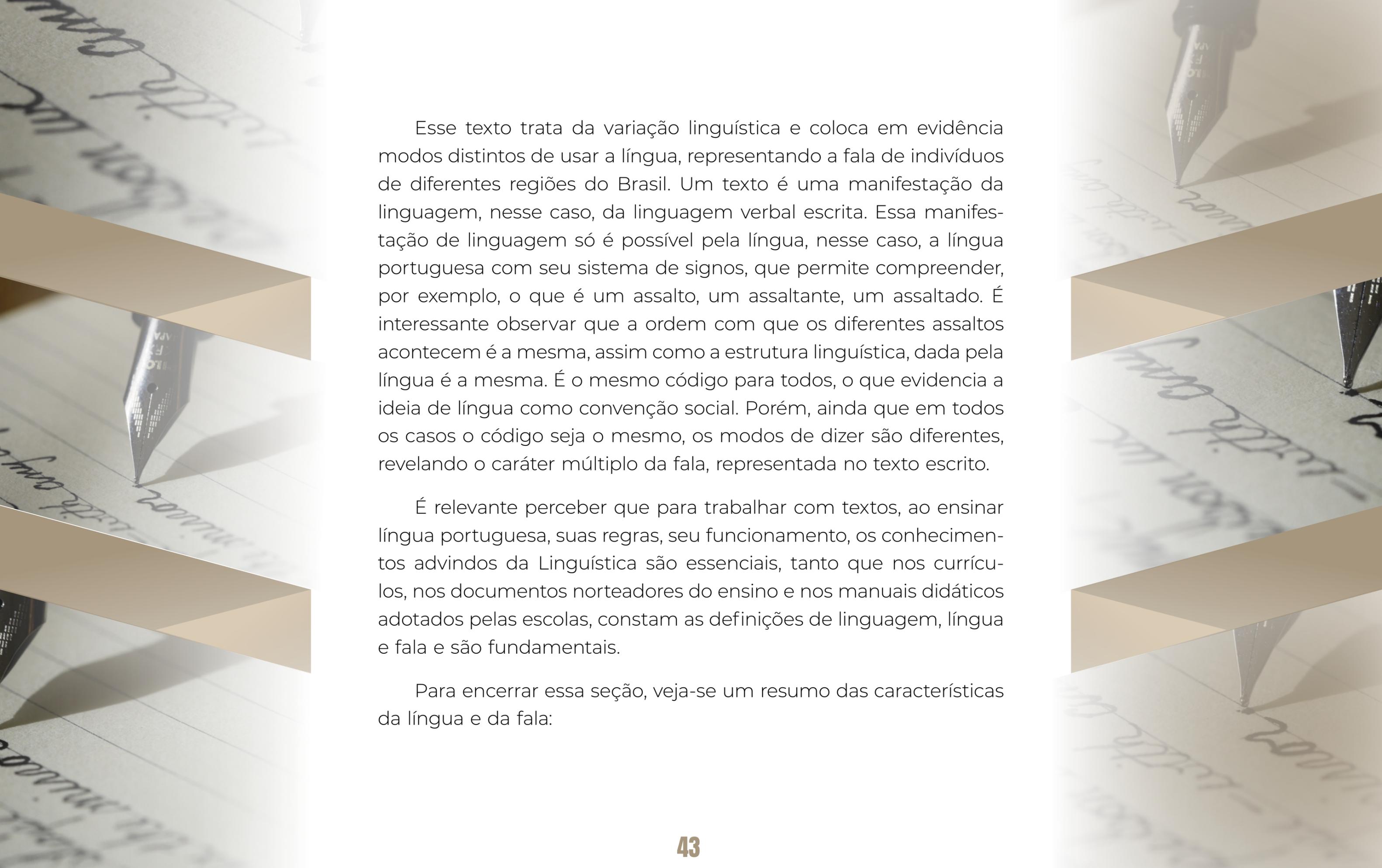
Contudo, para Saussure, **a língua – sistema linguístico -- autossuficiente, prescinde do mundo** e, portanto, **deve ser descrita independentemente da exterioridade, do homem que a utiliza para se comunicar**. Ao linguista, cabe compreender esse sistema autônomo, tramado mediante uma rede de oposições em que cada elemento – fonemas, morfemas etc. – se define por um outro, em que não há termo, mas somente relações e diferenças (grifos nossos). (2017, p. 20)

Assista ao vídeo da professora Dr.^a Cristina Altman sobre Princípios gerais de Linguística. Nele você retoma o apresentado até aqui.

Princípios Gerais da Linguística

No texto abaixo, em circulação na *internet*, percebe-se algumas das características definidas nesse par de conceitos: língua e fala. Veja-se:

**Tipos de Assaltantes - Regionalidades -
Recanto das Letras**

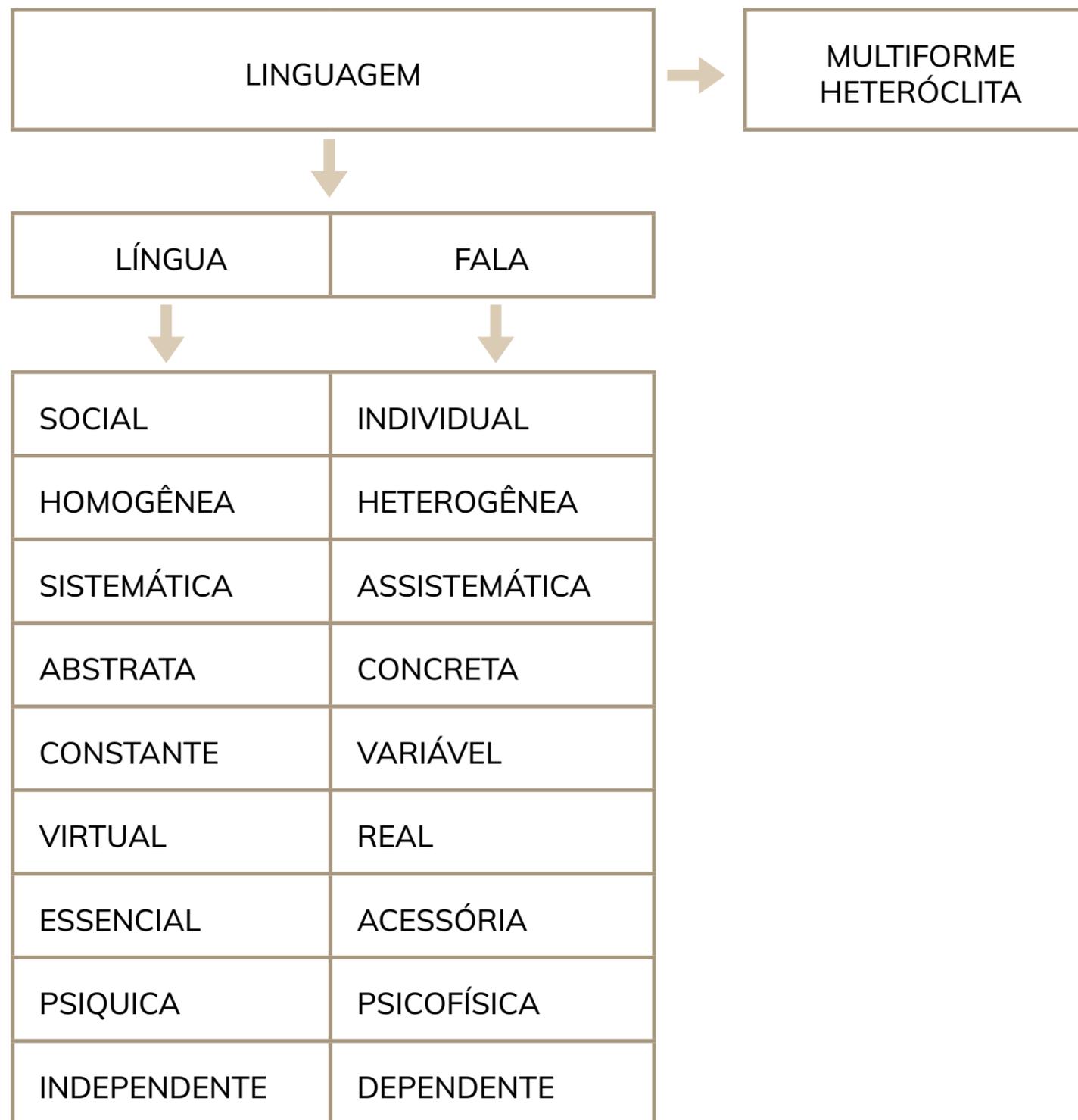


Esse texto trata da variação linguística e coloca em evidência modos distintos de usar a língua, representando a fala de indivíduos de diferentes regiões do Brasil. Um texto é uma manifestação da linguagem, nesse caso, da linguagem verbal escrita. Essa manifestação de linguagem só é possível pela língua, nesse caso, a língua portuguesa com seu sistema de signos, que permite compreender, por exemplo, o que é um assalto, um assaltante, um assaltado. É interessante observar que a ordem com que os diferentes assaltos acontecem é a mesma, assim como a estrutura linguística, dada pela língua é a mesma. É o mesmo código para todos, o que evidencia a ideia de língua como convenção social. Porém, ainda que em todos os casos o código seja o mesmo, os modos de dizer são diferentes, revelando o caráter múltiplo da fala, representada no texto escrito.

É relevante perceber que para trabalhar com textos, ao ensinar língua portuguesa, suas regras, seu funcionamento, os conhecimentos advindos da Linguística são essenciais, tanto que nos currículos, nos documentos norteadores do ensino e nos manuais didáticos adotados pelas escolas, constam as definições de linguagem, língua e fala e são fundamentais.

Para encerrar essa seção, veja-se um resumo das características da língua e da fala:

Quadro 1 - Dicotomia língua e fala



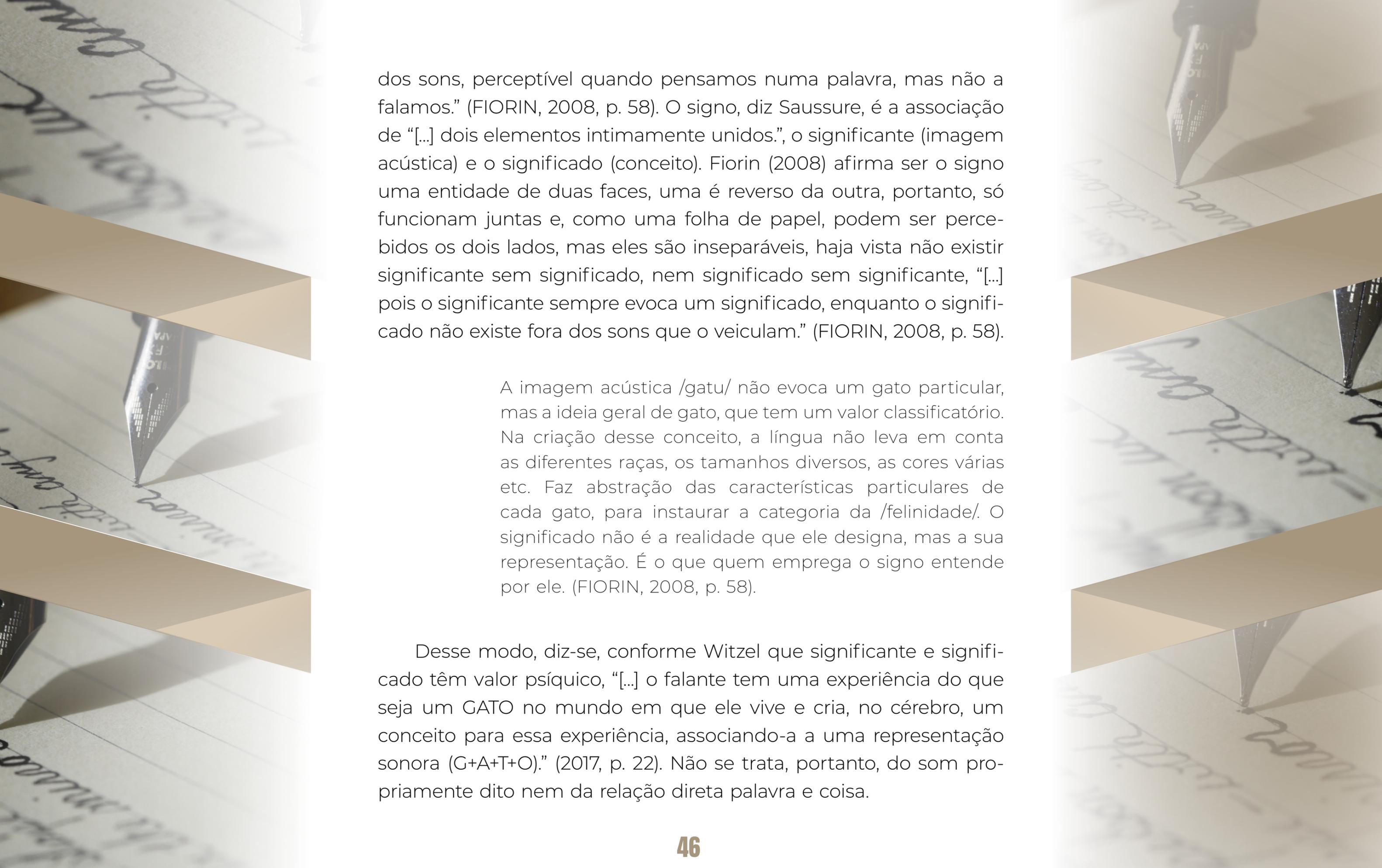
Fonte: Conforme CARVALHO, 2010, p. 70

Significante e significado

O par de conceitos significante e significado são constitutivos da noção de signo, apresentado nessa exposição. No conjunto de formulações de Saussure sobre a língua, define-a como sistema de signos (SAUSSURE, [1916] 2010, p. 23). Saussure pensou a língua como um sistema de signos por discordar da ideia de que a língua é uma nomenclatura das coisas, como se houvesse uma relação direta entre a palavra e a coisa que ela nomeia. Para o linguista o signo linguístico:

[...] une não uma coisa e um palavra, mas um conceito e uma imagem acústica. Esta não é o som material, coisa puramente física, mas a impressão psíquica desse som, a representação que dele nos dá o testemunho de nossos sentidos [...] O signo linguístico é, pois, uma entidade psíquica de duas faces [...] Esses dois elementos estão intimamente unidos e um reclama o outro. [...] Chamamos signo a combinação do conceito e da imagem acústica (SAUSSURE, [1916] 2010, p. 80-81).

Ao explicar que o signo não une uma palavra e uma coisa, mas um conceito e uma imagem acústica, Saussure afirma que o signo não é, meramente, uma realidade no mundo, uma etiqueta colocada nas coisas. “O signo é a união de um conceito com uma imagem acústica, que não é o som material, físico, mas a impressão psíquica



dos sons, perceptível quando pensamos numa palavra, mas não a falamos.” (FIORIN, 2008, p. 58). O signo, diz Saussure, é a associação de “[...] dois elementos intimamente unidos.”, o significante (imagem acústica) e o significado (conceito). Fiorin (2008) afirma ser o signo uma entidade de duas faces, uma é reverso da outra, portanto, só funcionam juntas e, como uma folha de papel, podem ser percebidos os dois lados, mas eles são inseparáveis, haja vista não existir significante sem significado, nem significado sem significante, “[...] pois o significante sempre evoca um significado, enquanto o significado não existe fora dos sons que o veiculam.” (FIORIN, 2008, p. 58).

A imagem acústica /gatu/ não evoca um gato particular, mas a ideia geral de gato, que tem um valor classificatório. Na criação desse conceito, a língua não leva em conta as diferentes raças, os tamanhos diversos, as cores várias etc. Faz abstração das características particulares de cada gato, para instaurar a categoria da /felinidade/. O significado não é a realidade que ele designa, mas a sua representação. É o que quem emprega o signo entende por ele. (FIORIN, 2008, p. 58).

Desse modo, diz-se, conforme Witzel que significante e significado têm valor psíquico, “[...] o falante tem uma experiência do que seja um GATO no mundo em que ele vive e cria, no cérebro, um conceito para essa experiência, associando-a a uma representação sonora (G+A+T+O).” (2017, p. 22). Não se trata, portanto, do som propriamente dito nem da relação direta palavra e coisa.

Observe-se a representação:

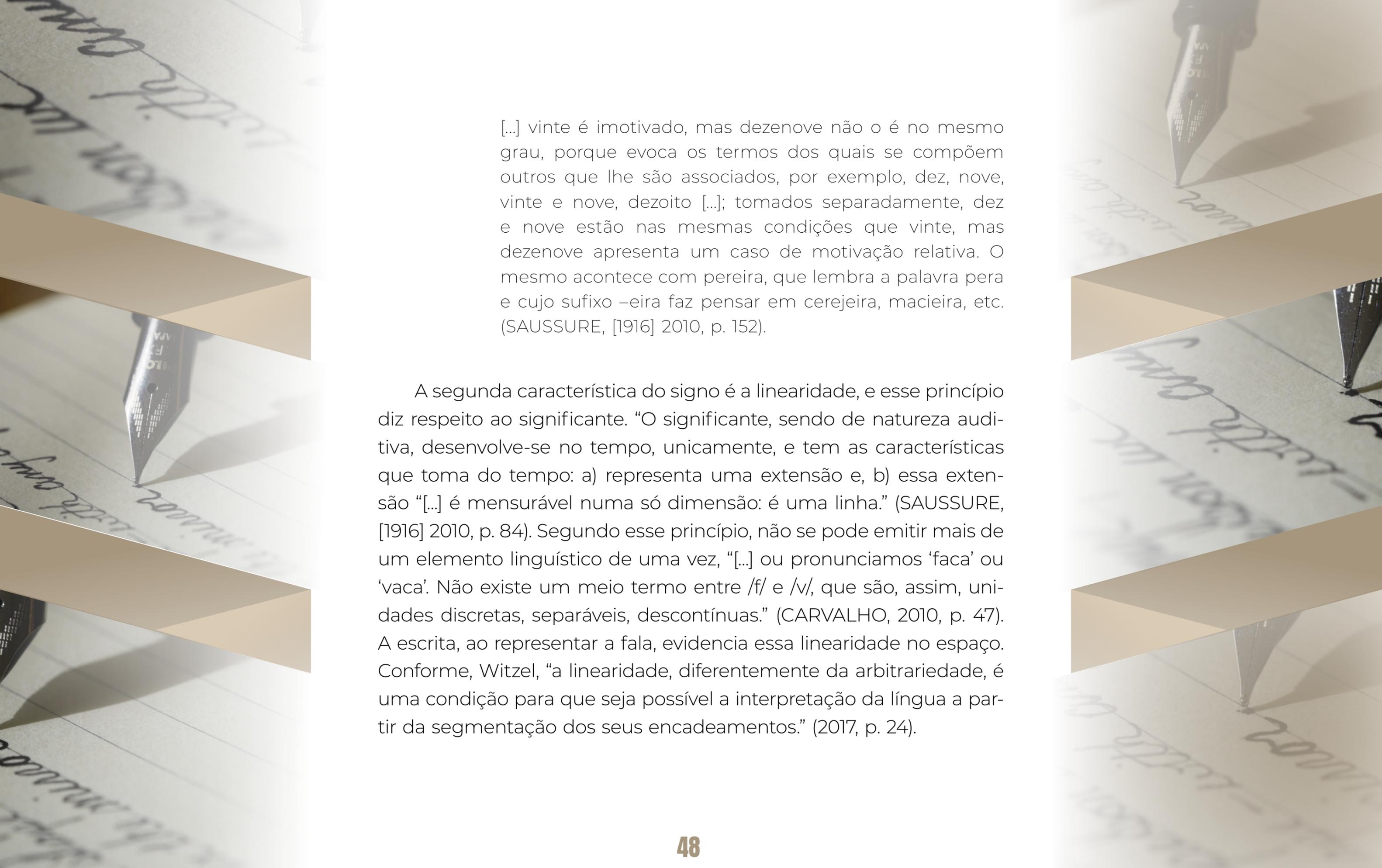
$$\text{Signo} = \frac{\text{Significante (imagem acústica)}}{\text{Significado (conceito)}}$$

$$\text{Gato} = \frac{\text{G+A+T+O}}{\quad}$$



As duas faces do signo linguístico, como sinalizado anteriormente, são indissociáveis e exibem, ainda, duas outras características: a arbitrariedade e a linearidade.

Segundo Saussure, “[...] o laço que une o significante ao significado é arbitrário.” ([1916] 2010, p. 81) é imotivado, o que indica que é fruto de uma convenção social ou, ainda, “[...] repousa numa espécie de acordo coletivo entre os falantes.” (FIORIN, 2008, p. 61). Ao estabelecer que não cabe ao indivíduo trocar coisa alguma em um signo, Saussure afirma que o signo não depende da livre escolha de quem fala, pois o significante é imotivado, arbitrário em relação ao significado, não havendo, portanto, nenhum laço natural com a realidade. Contudo, Saussure admite que há signos relativamente motivados:



[...] vinte é imotivado, mas dezenove não o é no mesmo grau, porque evoca os termos dos quais se compõem outros que lhe são associados, por exemplo, dez, nove, vinte e nove, dezoito [...]; tomados separadamente, dez e nove estão nas mesmas condições que vinte, mas dezenove apresenta um caso de motivação relativa. O mesmo acontece com pereira, que lembra a palavra pera e cujo sufixo -eira faz pensar em cerejeira, macieira, etc. (SAUSSURE, [1916] 2010, p. 152).

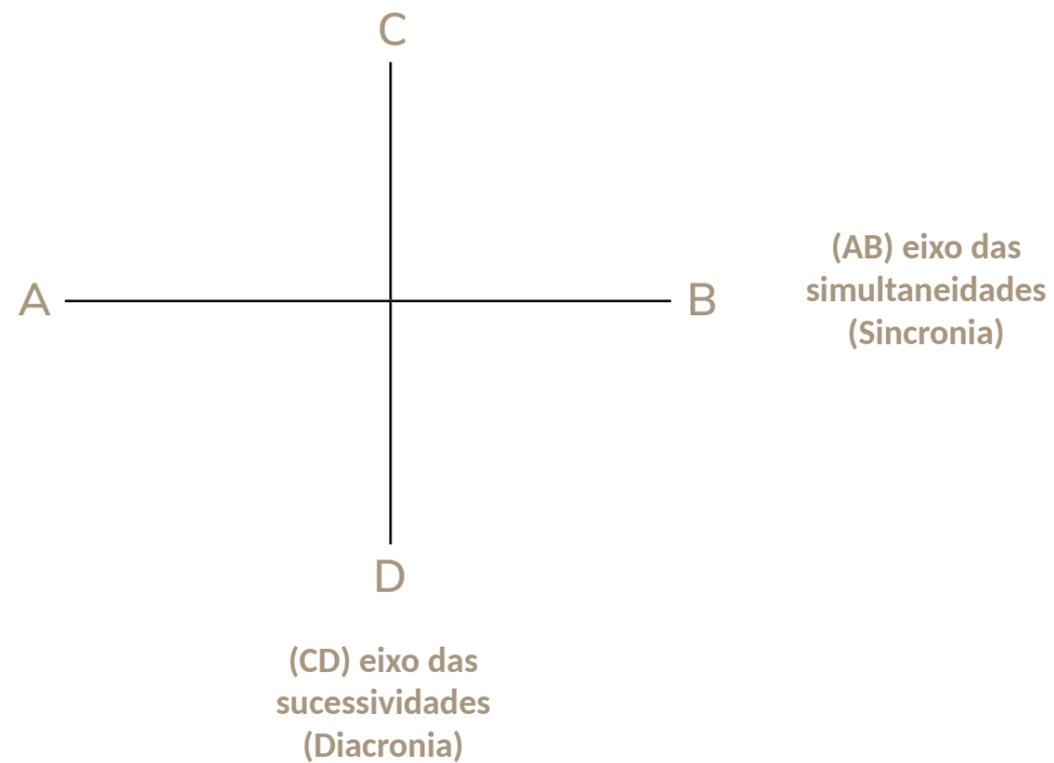
A segunda característica do signo é a linearidade, e esse princípio diz respeito ao significante. “O significante, sendo de natureza auditiva, desenvolve-se no tempo, unicamente, e tem as características que toma do tempo: a) representa uma extensão e, b) essa extensão “[...] é mensurável numa só dimensão: é uma linha.” (SAUSSURE, [1916] 2010, p. 84). Segundo esse princípio, não se pode emitir mais de um elemento linguístico de uma vez, “[...] ou pronunciamos ‘faca’ ou ‘vaca’. Não existe um meio termo entre /f/ e /v/, que são, assim, unidades discretas, separáveis, descontínuas.” (CARVALHO, 2010, p. 47). A escrita, ao representar a fala, evidencia essa linearidade no espaço. Conforme, Witzel, “a linearidade, diferentemente da arbitrariedade, é uma condição para que seja possível a interpretação da língua a partir da segmentação dos seus encadeamentos.” (2017, p. 24).

Diacronia e Sincronia

No início desse material, mostrou-se que a Linguística realizada antes de Saussure se preocupou, basicamente, com o estudo da mudança linguística ocorrida no tempo. Essa Linguística, denominada Linguística Comparativa e Histórica, fazia-se pela comparação entre fenômenos linguísticos de línguas distintas, procurando, á princípio, reconstruir o percurso histórico das línguas para encontrar a língua primitiva, a língua-mãe. Saussure opõe-se a esse método, rompendo com a concepção do comparativismo histórico na qual estava filiado. Ele argumenta que o estudo descritivo da língua é tão acessível aos métodos científicos quanto o estudo histórico, lançando a dicotomia sincronia e diacronia. Para explicar a eficiência desse novo método (sincrônico), opera sobre a divisão da ciência da linguagem em duas partes, afirmando ser indispensável que a Linguística, assim como outra ciência, distinga os fenômenos sobre os quais se debruça de duas maneiras:

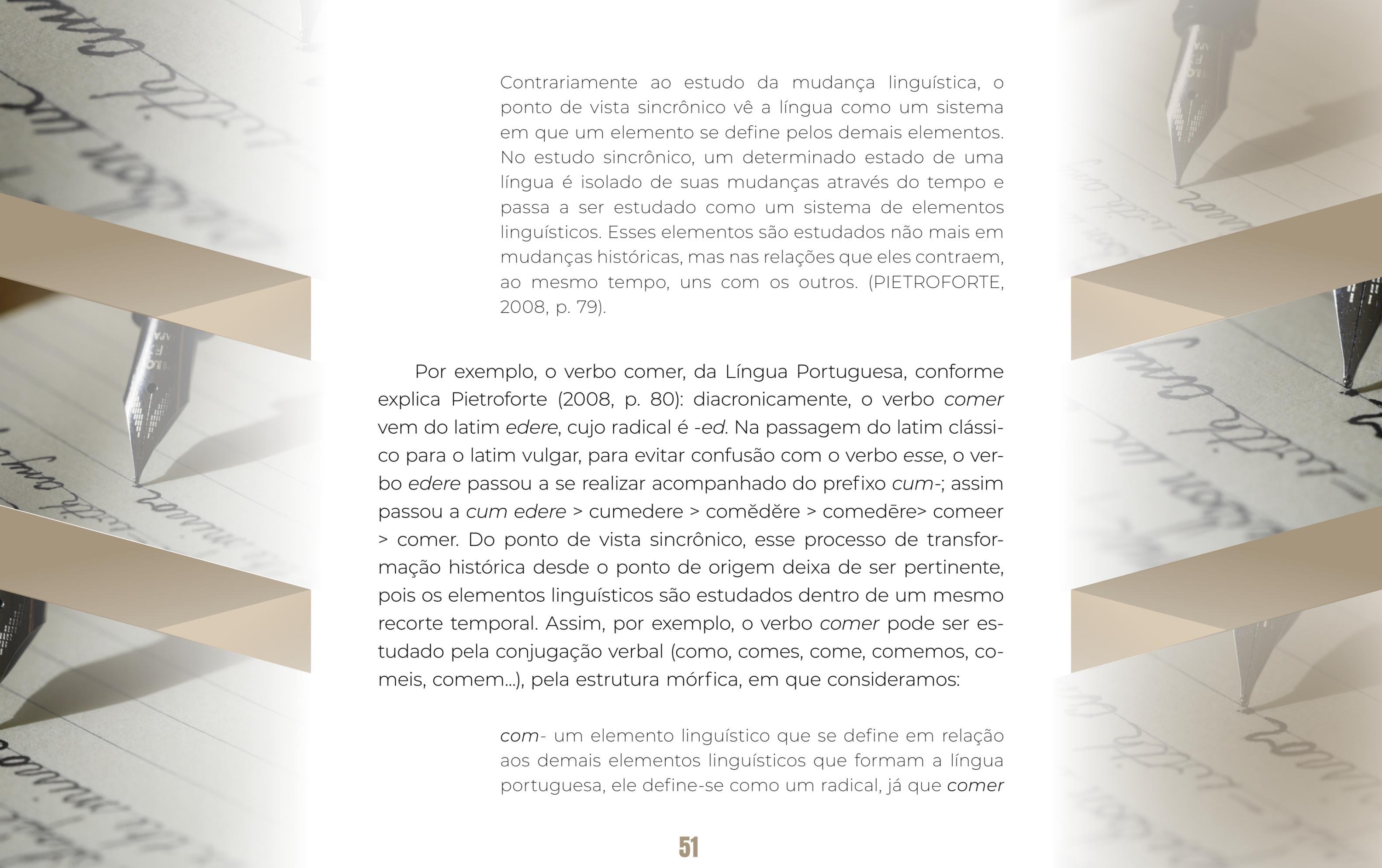
1º O eixo das simultaneidades (AB), concernente às relações entre coisas coexistentes, de onde toda intervenção do tempo se exclui, e 2º o eixo das sucessões (CD), sobre o qual não se pode considerar mais que uma coisa por vez, mas onde estão situadas todas as coisas do primeiro eixo com suas respectivas transformações (SAUSSURE, [1916] 2010, p. 95).

Ele representa esses eixos do seguinte modo:



A partir dessa representação que assinala a oposição, o cruzamento das duas ordens de fenômenos relativos ao estudo da linguagem, Saussure denomina a Linguística sincrônica e a Linguística diacrônica. Conforme o autor, “[...] é sincrônico tudo quanto se relacione com o aspecto estático da nossa ciência, diacrônico tudo que diz respeito às evoluções.” Do mesmo modo, continua ele, “[...] sincronia e diacronia designarão respectivamente um estado de língua e uma fase de evolução.” (SAUSSURE, [1916] 2010, p. 96).

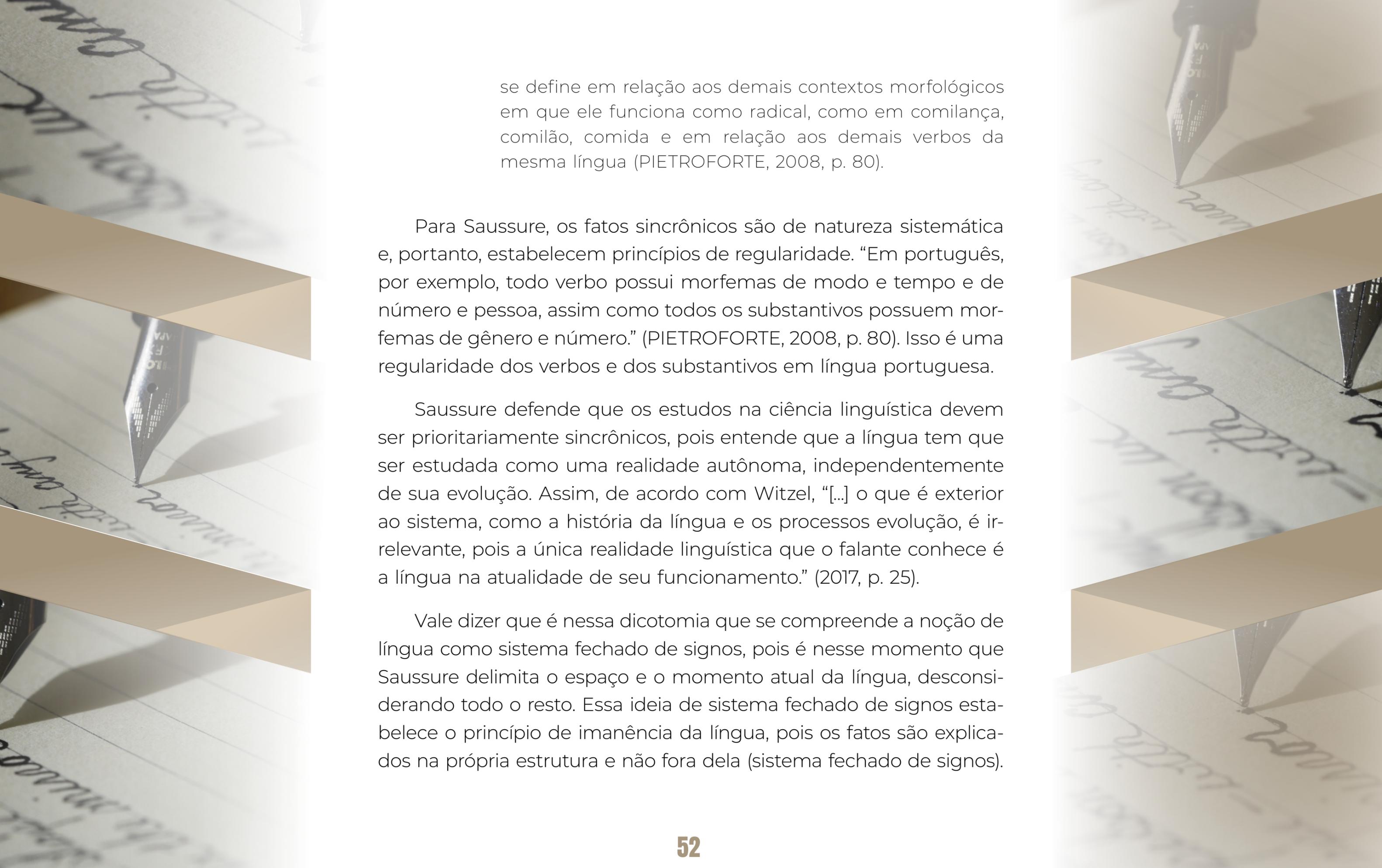
Para maior compreensão, observe-se o que afirma Pietroforte (2008):



Contrariamente ao estudo da mudança linguística, o ponto de vista sincrônico vê a língua como um sistema em que um elemento se define pelos demais elementos. No estudo sincrônico, um determinado estado de uma língua é isolado de suas mudanças através do tempo e passa a ser estudado como um sistema de elementos linguísticos. Esses elementos são estudados não mais em mudanças históricas, mas nas relações que eles contraem, ao mesmo tempo, uns com os outros. (PIETROFORTE, 2008, p. 79).

Por exemplo, o verbo *comer*, da Língua Portuguesa, conforme explica Pietroforte (2008, p. 80): diacronicamente, o verbo *comer* vem do latim *edere*, cujo radical é *-ed*. Na passagem do latim clássico para o latim vulgar, para evitar confusão com o verbo *esse*, o verbo *edere* passou a se realizar acompanhado do prefixo *cum-*; assim passou a *cum edere* > *cumedere* > *comēdēre* > *comedēre* > *comeer* > *comer*. Do ponto de vista sincrônico, esse processo de transformação histórica desde o ponto de origem deixa de ser pertinente, pois os elementos linguísticos são estudados dentro de um mesmo recorte temporal. Assim, por exemplo, o verbo *comer* pode ser estudado pela conjugação verbal (como, comes, come, comemos, comeis, comem...), pela estrutura mórfica, em que consideramos:

com- um elemento linguístico que se define em relação aos demais elementos linguísticos que formam a língua portuguesa, ele define-se como um radical, já que *comer*

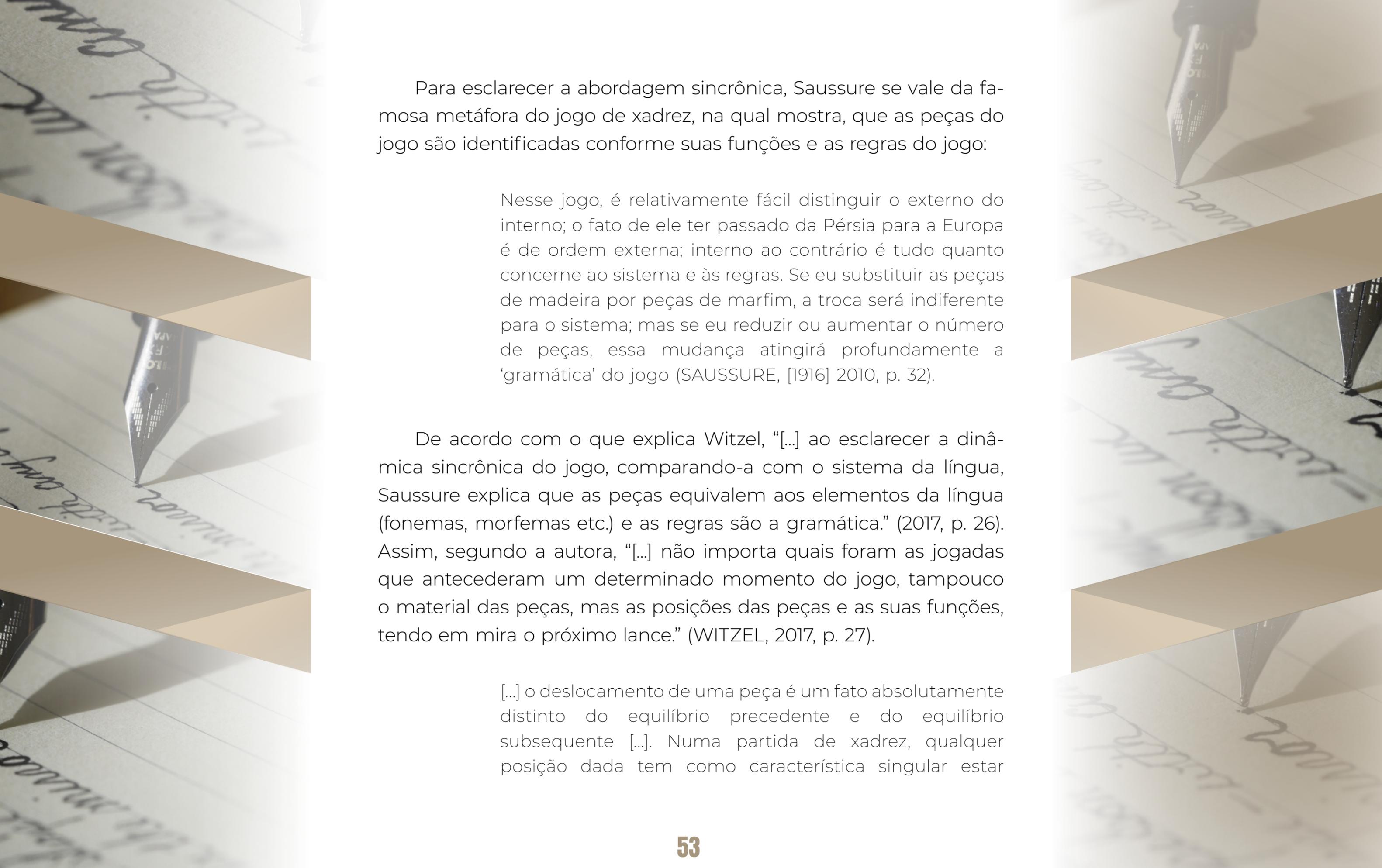


se define em relação aos demais contextos morfológicos em que ele funciona como radical, como em comilança, comilão, comida e em relação aos demais verbos da mesma língua (PIETROFORTE, 2008, p. 80).

Para Saussure, os fatos sincrônicos são de natureza sistemática e, portanto, estabelecem princípios de regularidade. “Em português, por exemplo, todo verbo possui morfemas de modo e tempo e de número e pessoa, assim como todos os substantivos possuem morfemas de gênero e número.” (PIETROFORTE, 2008, p. 80). Isso é uma regularidade dos verbos e dos substantivos em língua portuguesa.

Saussure defende que os estudos na ciência linguística devem ser prioritariamente sincrônicos, pois entende que a língua tem que ser estudada como uma realidade autônoma, independentemente de sua evolução. Assim, de acordo com Witzel, “[...] o que é exterior ao sistema, como a história da língua e os processos evolução, é irrelevante, pois a única realidade linguística que o falante conhece é a língua na atualidade de seu funcionamento.” (2017, p. 25).

Vale dizer que é nessa dicotomia que se compreende a noção de língua como sistema fechado de signos, pois é nesse momento que Saussure delimita o espaço e o momento atual da língua, desconsiderando todo o resto. Essa ideia de sistema fechado de signos estabelece o princípio de imanência da língua, pois os fatos são explicados na própria estrutura e não fora dela (sistema fechado de signos).

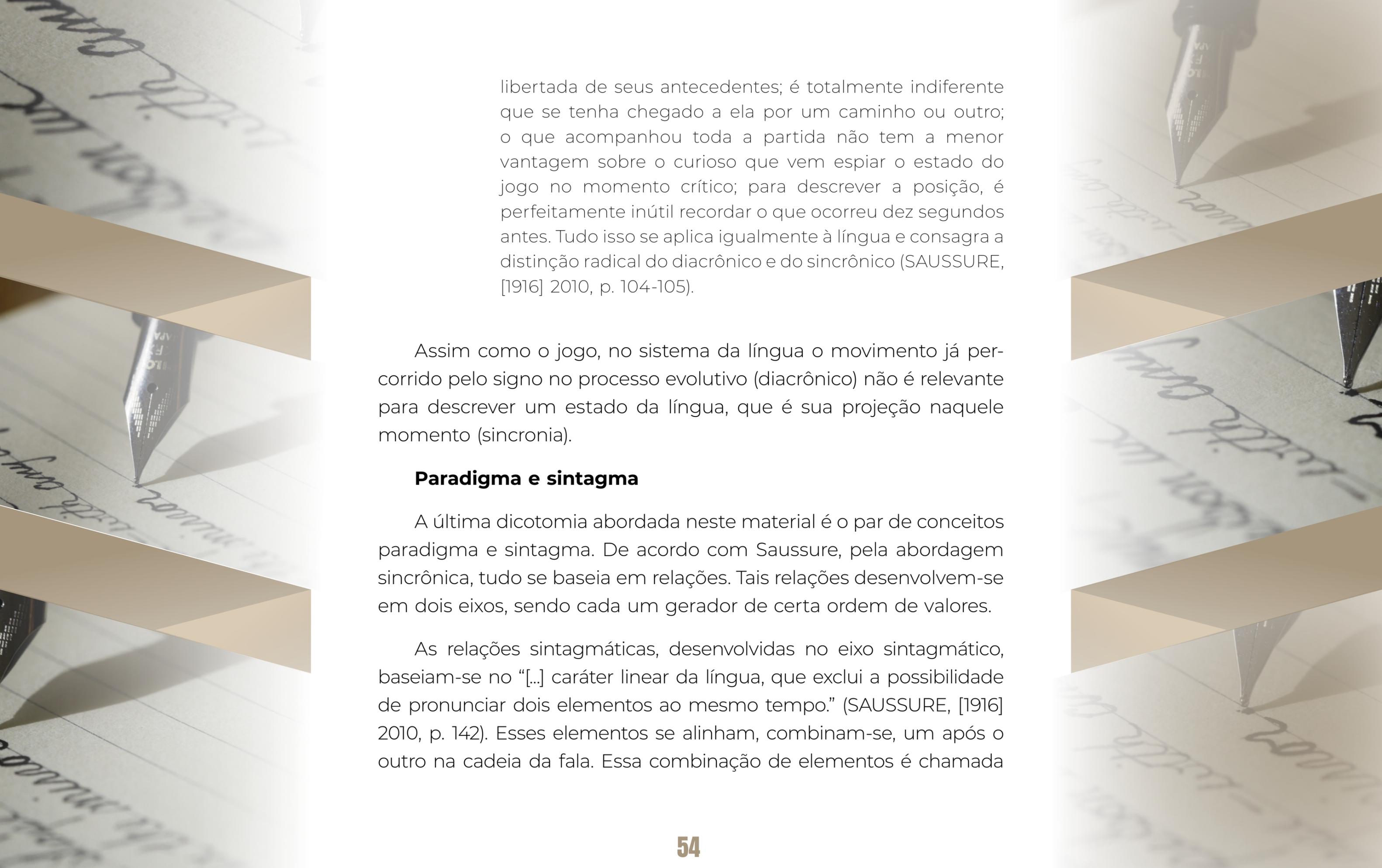


Para esclarecer a abordagem sincrônica, Saussure se vale da famosa metáfora do jogo de xadrez, na qual mostra, que as peças do jogo são identificadas conforme suas funções e as regras do jogo:

Nesse jogo, é relativamente fácil distinguir o externo do interno; o fato de ele ter passado da Pérsia para a Europa é de ordem externa; interno ao contrário é tudo quanto concerne ao sistema e às regras. Se eu substituir as peças de madeira por peças de marfim, a troca será indiferente para o sistema; mas se eu reduzir ou aumentar o número de peças, essa mudança atingirá profundamente a 'gramática' do jogo (SAUSSURE, [1916] 2010, p. 32).

De acordo com o que explica Witzel, “[...] ao esclarecer a dinâmica sincrônica do jogo, comparando-a com o sistema da língua, Saussure explica que as peças equivalem aos elementos da língua (fonemas, morfemas etc.) e as regras são a gramática.” (2017, p. 26). Assim, segundo a autora, “[...] não importa quais foram as jogadas que antecederam um determinado momento do jogo, tampouco o material das peças, mas as posições das peças e as suas funções, tendo em mira o próximo lance.” (WITZEL, 2017, p. 27).

[...] o deslocamento de uma peça é um fato absolutamente distinto do equilíbrio precedente e do equilíbrio subsequente [...]. Numa partida de xadrez, qualquer posição dada tem como característica singular estar



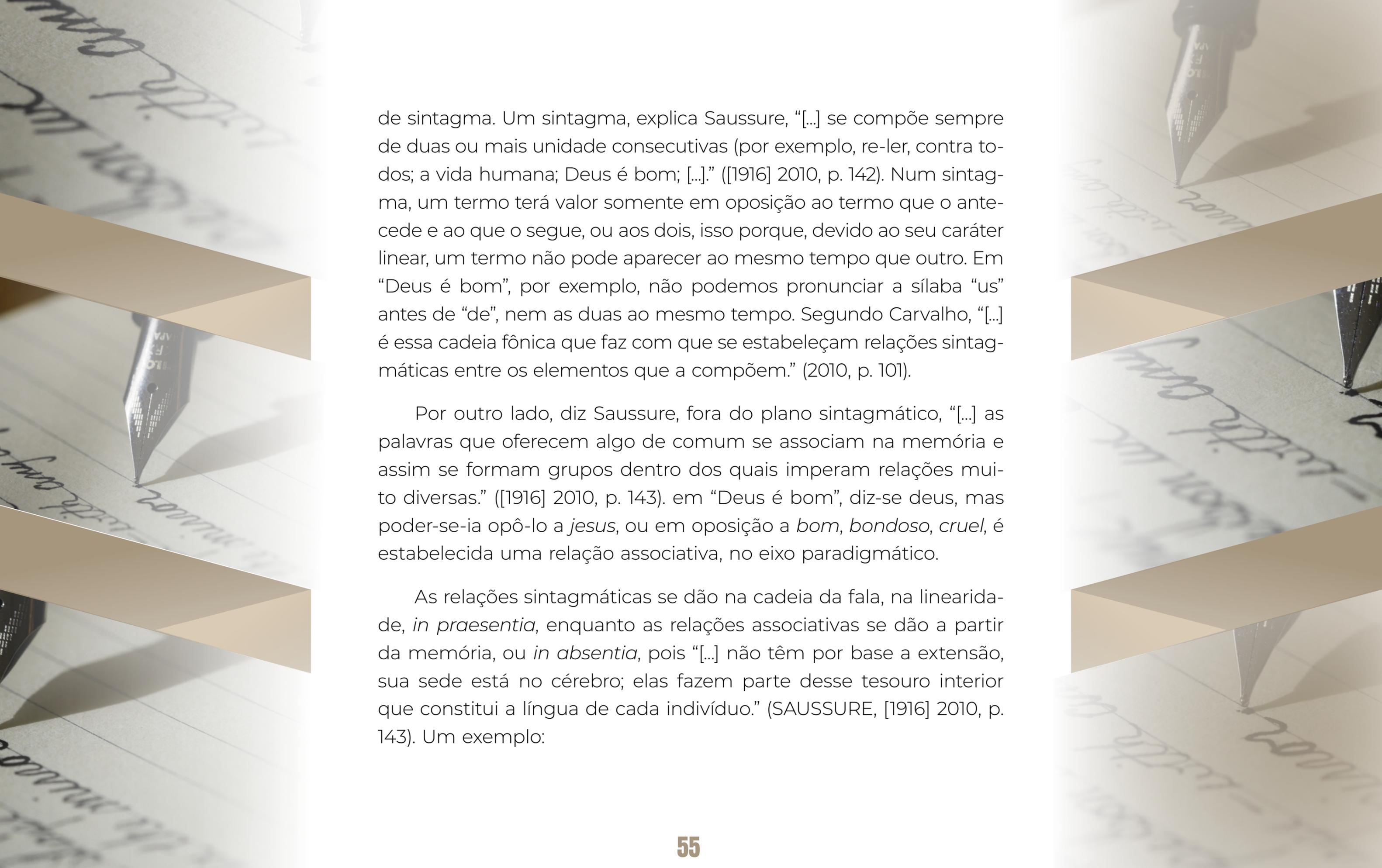
libertada de seus antecedentes; é totalmente indiferente que se tenha chegado a ela por um caminho ou outro; o que acompanhou toda a partida não tem a menor vantagem sobre o curioso que vem espiar o estado do jogo no momento crítico; para descrever a posição, é perfeitamente inútil recordar o que ocorreu dez segundos antes. Tudo isso se aplica igualmente à língua e consagra a distinção radical do diacrônico e do sincrônico (SAUSSURE, [1916] 2010, p. 104-105).

Assim como o jogo, no sistema da língua o movimento já percorrido pelo signo no processo evolutivo (diacrônico) não é relevante para descrever um estado da língua, que é sua projeção naquele momento (sincronia).

Paradigma e sintagma

A última dicotomia abordada neste material é o par de conceitos paradigma e sintagma. De acordo com Saussure, pela abordagem sincrônica, tudo se baseia em relações. Tais relações desenvolvem-se em dois eixos, sendo cada um gerador de certa ordem de valores.

As relações sintagmáticas, desenvolvidas no eixo sintagmático, baseiam-se no “[...] caráter linear da língua, que exclui a possibilidade de pronunciar dois elementos ao mesmo tempo.” (SAUSSURE, [1916] 2010, p. 142). Esses elementos se alinham, combinam-se, um após o outro na cadeia da fala. Essa combinação de elementos é chamada



de sintagma. Um sintagma, explica Saussure, “[...] se compõe sempre de duas ou mais unidade consecutivas (por exemplo, re-ler, contra todos; a vida humana; Deus é bom; [...].” ([1916] 2010, p. 142). Num sintagma, um termo terá valor somente em oposição ao termo que o antecede e ao que o segue, ou aos dois, isso porque, devido ao seu caráter linear, um termo não pode aparecer ao mesmo tempo que outro. Em “Deus é bom”, por exemplo, não podemos pronunciar a sílaba “us” antes de “de”, nem as duas ao mesmo tempo. Segundo Carvalho, “[...] é essa cadeia fônica que faz com que se estabeleçam relações sintagmáticas entre os elementos que a compõem.” (2010, p. 101).

Por outro lado, diz Saussure, fora do plano sintagmático, “[...] as palavras que oferecem algo de comum se associam na memória e assim se formam grupos dentro dos quais imperam relações muito diversas.” ([1916] 2010, p. 143). em “Deus é bom”, diz-se deus, mas poder-se-ia opô-lo a *jesus*, ou em oposição a *bom*, *bondoso*, *cruel*, é estabelecida uma relação associativa, no eixo paradigmático.

As relações sintagmáticas se dão na cadeia da fala, na linearidade, *in praesentia*, enquanto as relações associativas se dão a partir da memória, ou *in absentia*, pois “[...] não têm por base a extensão, sua sede está no cérebro; elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo.” (SAUSSURE, [1916] 2010, p. 143). Um exemplo:

O MENINO FOI AO CINEMA.

Em uma relação paradigmática, o sintagma *o menino* pode ser substituído por outros elementos:

JOÃO FOI AO CINEMA.

ELE FOI AO CINEMA.

O VIZINHO FOI AO CINEMA.

O PROFESSOR FOI AO CINEMA.

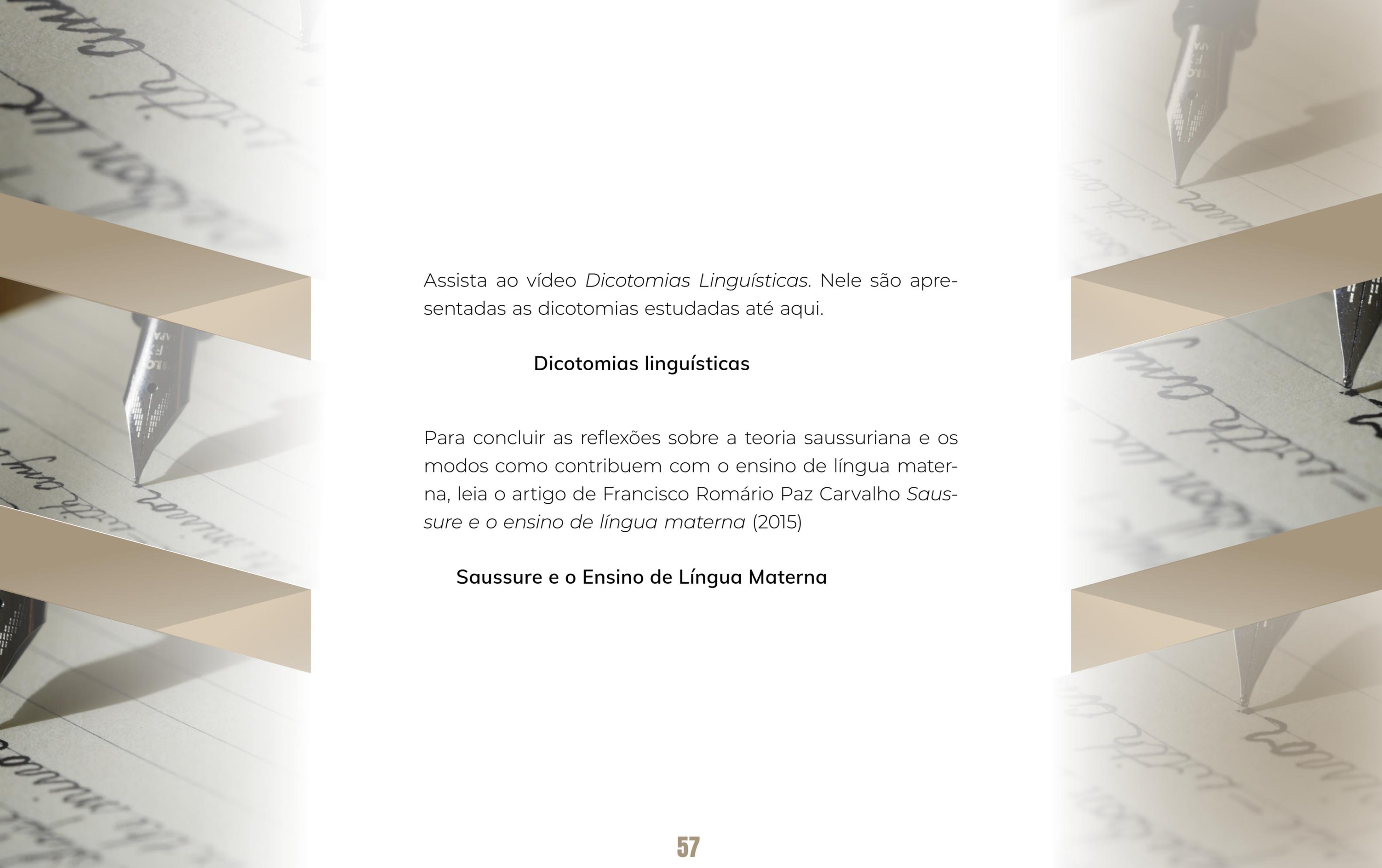
Esse movimento se aplica aos outros elementos da oração:

O MENINO **IA** AO CINEMA.

O MENINO FOI AO **MERCADO**.

O exemplo mostra que no paradigma (eixo associativo), estão possibilidades de elementos recuperados por meio de associações, de modo a integrar o sintagma. Ou conforme Witzel, “[...] as unidades ausentes no eixo paradigmático podem se tornar presentes no eixo sintagmático, dependendo das escolhas do falante.” (2017, p. 28).

É importante compreender que essas alterações não se dão de modo aleatório, não é possível, por exemplo, substituir o sintagma *o menino*, por *a porta* (foi ao cinema), pois essas alterações são “[...] inevitavelmente regidas por regras da língua, possibilitando construções aceitáveis no jogo da comunicação.” (WITZEL, 2017, p. 28).

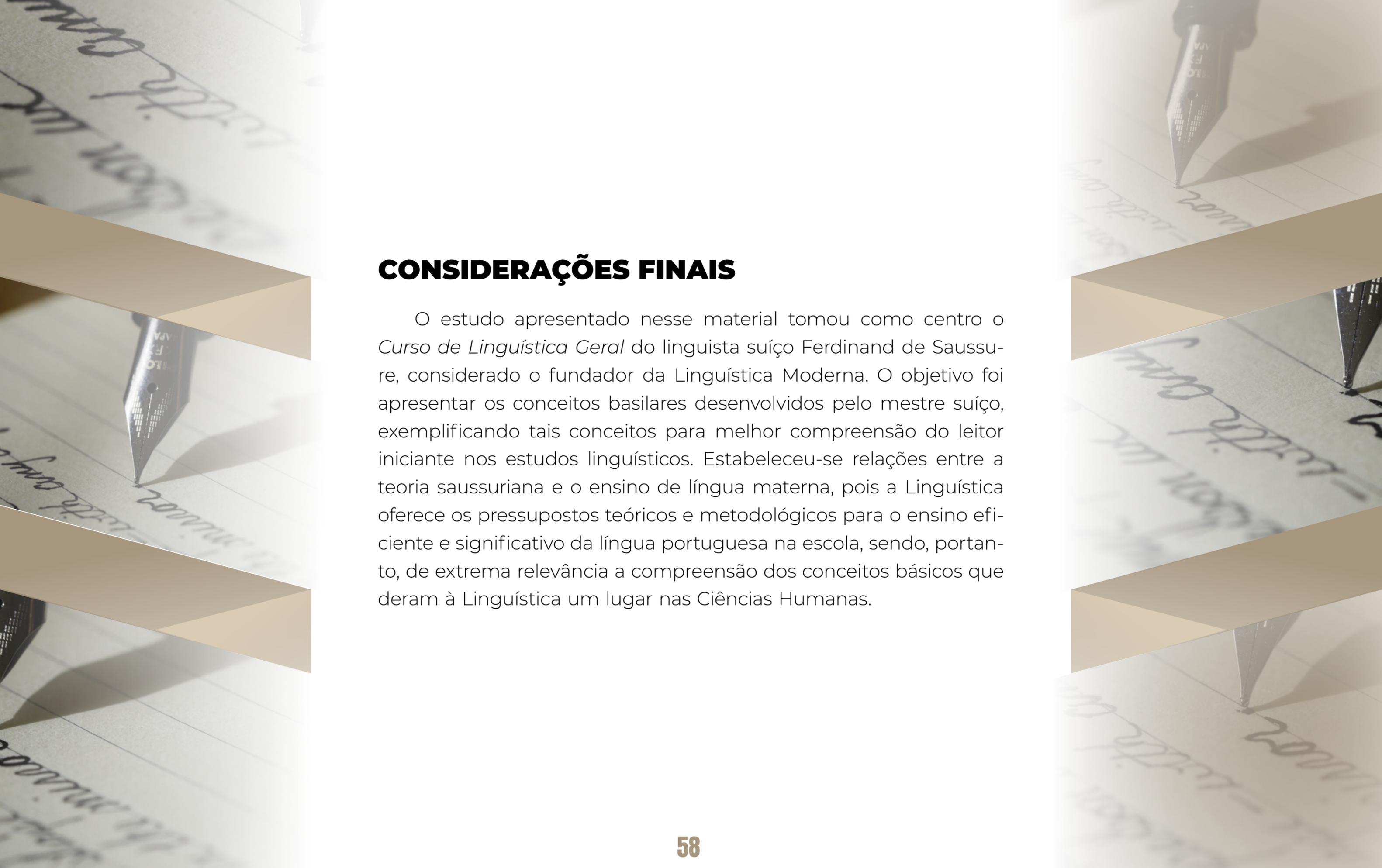


Assista ao vídeo *Dicotomias Linguísticas*. Nele são apresentadas as dicotomias estudadas até aqui.

Dicotomias linguísticas

Para concluir as reflexões sobre a teoria saussuriana e os modos como contribuem com o ensino de língua materna, leia o artigo de Francisco Romário Paz Carvalho *Saussure e o ensino de língua materna* (2015)

Saussure e o Ensino de Língua Materna



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo apresentado nesse material tomou como centro o *Curso de Linguística Geral* do linguista suíço Ferdinand de Saussure, considerado o fundador da Linguística Moderna. O objetivo foi apresentar os conceitos basilares desenvolvidos pelo mestre suíço, exemplificando tais conceitos para melhor compreensão do leitor iniciante nos estudos linguísticos. Estabeleceu-se relações entre a teoria saussuriana e o ensino de língua materna, pois a Linguística oferece os pressupostos teóricos e metodológicos para o ensino eficiente e significativo da língua portuguesa na escola, sendo, portanto, de extrema relevância a compreensão dos conceitos básicos que deram à Linguística um lugar nas Ciências Humanas.

REFERÊNCIAS

- BECCARI, Alessandro Jocelito. Os estudos da linguagem na Idade Média: as ideias sobre sintaxe do Tratado sobre os modos de significar ou gramática especulativa, de Tomás de Erfurt. **Estudos Linguísticos**, n. 46, v. 1, p. 172-186, 2017.
- BIZZOCCHI, Aldo. O fantástico mundo da Linguagem. **Ciências Hoje**. v. 28, n. 164, set. 2000, p. 38-45
- BORBA, Francisco da Silva. **Introdução aos estudos Linguísticos**. 6. ed. São Paulo: Nacional, 1979.
- CARVALHO, Castelar de. **Para compreender Saussure: fundamentos e visão crítica**. 18. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- FARACO, Carlos Alberto. Estudos pré-saussurianos. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. (org.). **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. v. 3. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 27-51.
- FIORIN, José Luiz. Teoria dos signos. In: FIORIN, José Luiz. (org.). 5. ed. **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 55-74.
- ILARI, Rodolfo. **A linguística e o ensino de língua portuguesa**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.
- LEROY, Maurice. **As grandes correntes da Linguística Moderna**. São Paulo: Cultrix, 1971.
- NORMAND, Claudine. **Saussure**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.
- ORLANDI, Eni P. **O que é Linguística**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2009.
- PETTER, Margarida. Linguagem, língua, linguística. In: FIORIN, José Luiz. (org.). 5. ed. **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 11-24.
- PIETROFORTE, Antonio Vicente. A língua como objeto da Linguística. In: FIORIN, José Luiz. (org.). 5. ed. **Introdução à Linguística**. São Paulo: Contexto, 2008. p. 75-94.
- PLATÃO. **Teeteto-Crático**. Belém: Universidade Federal do Pará, 1988.
- SAUSSURE, Ferdinand de. (1916). **Curso de Linguística Geral**. 32. São Paulo: Cultrix, 2010.
- SOUSA, Maria Clara Paixão de. Linguística histórica. In: PFEIFFER, Claudia Castellanos; NUNES, José Horta. (org.). **Linguagem, história e conhecimento**. Campinas: Pontes, 2006. p. 11-48.
- WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da Linguística**. São Paulo: Parábola, 2002.
- WITZEL, Denise Gabriel. **Introdução aos Estudos Linguísticos**. 2017. **E-book** para a disciplina Introdução aos Estudos Linguísticos do curso de Letras Português e Literaturas de Língua Portuguesa na modalidade a distância. Universidade Estadual do Centro Oeste-Unicentro, Guarapuava, PR: NEAD-UAB, 2017.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO PARANÁ
UNICENTRO**

**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB**

Prof.^a Dr.^a Claudia Maris Tullio
Coordenador Geral Curso

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Crissi Knuppel
Coordenadora Geral NEAD / Coordenadora Administrativa do Curso

Prof.^a Ms.^a Marta Clediane Rodrigues Anciutti
Coordenadora de Programas e Projetos / Coordenadora Pedagógica

Denise Cristina Holzer
Apoio Pedagógico

Ruth Rieth Leonhardt
Revisora

Murilo Holubovski
Designer Gráfico

Aaron Burden/Unsplash
Foto

Mai/2021